

JOVENS
CIENTISTAS
CARIOCAS



ENTRE NÓS, A CIÊNCIA

Pessoas e histórias que se encontraram com o projeto Jovens Cientistas Cariocas

SUMÁRIO

Apresentação..... 4

RAQUEL GOMES

desmistificando o fast fashion e afirmando o consumo consciente 8

RICARDO CARVALHO

o homem que queria voar 18

JESSICA LUZES

o que se aprende quando aproximamos diferenças? 26

GABRIELLA CARDOSO

um sonho que não se sonha dormindo..... 36

ANDREZA LOPES

uma história que só aumenta a minha força 46

DAVID ROCHA

de motocicleta a gente chega mais rápido 58

FREDERICO BUSCH

porque origem é coisa que não se perde de vista..... 70

ISABELA GONÇALVES

ativando o cultural para mobilizar o social 80

PRISCILA ANTUNES

quando a ciência mora ao lado..... 90

ALINE FONSECA

para ouvir ideias que aproximam a ciência da população..... 98



APRESENTAÇÃO

O Projeto Jovens Cientistas Cariocas (JCC) é uma iniciativa da Secretaria Municipal de Ciência e Tecnologia e Inovação do Rio de Janeiro (SMCTI-Rio), idealizada e executada em parceria com o Centro Integrado de Estudos e Programas de Desenvolvimento Sustentável (CIEDS). Trata-se de um projeto que visa a democratização da ciência e o acesso à produção científica para todas as pessoas.

O principal desafio dessa proposta é integrar o universo acadêmico aos territórios da cidade e vice-versa. Assim, o JCC ganhou forma como um projeto criativo e inovador, dedicado objetivamente ao fomento de iniciativas pensadas por estudantes de graduação, matriculados em Instituições de Ensino Superior (IES) do município.

Para isso, o JCC selecionou 100 estudantes universitários, residentes das zonas Norte e Oeste da cidade, a fim de que cada jovem identificasse, em suas localidades, problemas e demandas vinculados às suas pesquisas acadêmicas – ou ideias de pesquisa – e desenvolvessem soluções para os problemas encontrados.

Desse modo, foi possível trazer novas perspectivas para o desenvolvimento científico junto às universidades. O JCC dá visibilidade (na forma prática) a ideias inovadoras que, muitas vezes, encontram dificuldades para transpor as limitações habituais do círculo de teorias e apresentações acadêmicas.

Tal perspectiva, ao levar para a comunidade um estudante universitário que pertence e conhece a comunidade pesquisada, consolida relações mais efetivas entre o saber acadêmico e os reais problemas vividos nos territórios.

O funcionamento desse agenciamento maquínico entre os saberes teve como principal diretriz uma Jornada Formativa de seis meses, oferecida aos participantes junto ao Programa Naves do Conhecimento.

As Naves são equipamentos públicos municipais voltados à criação, informação e capacitação em tecnologia e inovação, constituídos de ambientes colaborativos e criativos que democratizam o acesso ao universo digital por meio da oferta de oficinas, cursos e eventos gratuitos. O referido programa foi criado em 2012.

Atualmente o município conta com uma rede de 12 Naves do Conhecimento, além de 3 Naves Satélites e 25 Navezinhas Cariocas, todas distribuídas entre as zonas Norte e Oeste da cidade. O JCC ocupou 9 Naves dessa rede, situadas nos bairros Engenho de Dentro, Irajá, Madureira, Nova Brasília, Padre Miguel, Penha, Santa Cruz, Triagem e Vila Aliança.

Durante a Jornada Formativa, o JCC promoveu o desenvolvimento das ideias apresentadas pelos estudantes, entendidas como propostas de pesquisas que possuem aplicabilidade efetiva nos territórios adjacentes a cada um desses equipamentos públicos.





A execução do projeto ficou a cargo do CIEDS, organização da sociedade civil com 26 anos de experiência e mais de 620 projetos realizados, 3.900 comunidades atendidas e algo próximo a 2,2 milhões de pessoas beneficiadas diretamente. Em 2024, a instituição foi eleita pela segunda vez consecutiva, pelo prêmio The Dot Good, a 1ª Organização Social mais relevante do Brasil e a 44ª do mundo.

Assim, a concepção do JCC buscou reverter o senso comum de que geralmente a universidade é o único lugar do saber e das soluções para o mundo. Com a realização do projeto, a universidade precisou ser entendida não mais como o ponto de partida das ideias, mas também como um ponto de chegada. Isso significa dizer que, no âmbito do JCC, o estudante que está dentro da universidade pensando soluções para os territórios é o mesmo que habita os territórios. Alguém que verdadeiramente conhece os problemas e pensa soluções apropriadas para eles.

Neste caderno, apresentamos um universo de pessoas que orbitaram em torno do JCC por decorrência de seu próprio processo de realização, seja como colaborador, mentor, palestrante, amigo, observador, orientador

acadêmico ou mesmo como estudante.

Por meio das histórias de vida dessas pessoas, foi possível abordar o JCC sob diversos pontos de vista. A cada história contada, ressaltam-se aspectos da metodologia do projeto, das formas de participação de cada entrevistado e das relações que cada um estabeleceu entre o projeto e as suas próprias trajetórias profissionais e pessoais.

Assim, o que o presente documento busca expor é a composição espontânea de uma dimensão mais ampla do JCC, envolvendo sujeitos situados para além do circuito estrito aos jovens selecionados, formadores e equipe executora. Diríamos que se trata de um conjunto de histórias representativas de um grupo ainda maior de pessoas que o projeto foi efetivamente capaz de impactar com suas ações.

Boa leitura!



RAQUEL GOMES
desmistificando o
fast fashion e afirmando
o consumo consciente

Raquel é designer de moda e mora no bairro de Realengo, localizado a aproximadamente 36 km do centro da cidade do Rio de Janeiro. Essa carioca de 42 anos atuou como facilitadora, mentora e avaliadora das pesquisas desenvolvidas pelos participantes do Projeto Jovens Cientistas Cariocas (JCC). Desde a infância, Raquel se interessa por desenhos de moda, vestidos e figurinos. Ela diz que sempre soube que a sua vida estaria atravessada por essa cultura.

“Eu já tinha esse propósito de conseguir uma oportunidade numa empresa de varejo ou numa indústria que eu pudesse trabalhar com vestuário... Isso sempre foi minha meta desde muito pequena. Então eu já programei a minha vida de jovem-adolescente para jovem-adulto com essa meta, e eu alcancei.”

Contudo, a forma de pensar esse campo profissional sofreu mudanças radicais depois que ela entrou para a faculdade. Foi na graduação em Design de Moda, no Centro de Tecnologia da Indústria Química e Têxtil (CETIQT)¹, que Raquel entendeu a diferença entre o trabalho de um estilista (profissional que pensa o estilo da roupa) e o trabalho de um designer (profissional que pensa o projeto da roupa). Tal entendimento foi fundamental para decidir que não seria estilista e optasse pela carreira de projetista, uma espécie de engenheiro da moda, como ela mesma explica.

¹ O SENAI CETIQT é uma escola profissionalizante e um centro de desenvolvimento profissional para a indústria têxtil no Brasil. Trata-se do maior centro latino-americano de produção de conhecimento da cadeia produtiva têxtil e de confecção e da área de Química. A escola privilegia a participação da indústria na formação profissional de nível superior e representa um marco para o Sistema SENAI e para o ensino no país. Fonte: <https://senaicetiqt.com/educacao/>.

“Então eu pensei: ‘Olha, não é o estilo tão somente...’. Eu não buscava isso. Porque uma pessoa periférica, da região da Zona Oeste, era muito difícil ter informação de moda... informação e formação adequada, né? Eu não era pessoa de viajar e tudo mais... Então, mesmo novinha, eu pensava: vou trabalhar por trás, eu vou trabalhar na engenharia de produto, eu vou desenvolver e projetar... ou auxiliar na projeção dos produtos para comercialização.”

O que Raquel diz gostar mesmo é da área de novos negócios. A habilidade para o design, contudo, ainda permanece com ela, de modo que, se for preciso desenhar figurinos para um espetáculo ou voltar a trabalhar com design de moda, ela se diz pronta, mas com um pensamento diferente do que tinha antes da faculdade. Seu argumento é de que o mundo atual precisa se preocupar mais seriamente com as questões da sustentabilidade.

“Você produzir muitas peças em escala e essas peças terem um ciclo de vida curto, e depois passar um tempo e ser tudo incinerado ou colocado em aterros, isso não serve mais pra mim. Eu mudei totalmente a minha concepção. Então se eu atuo, se eu presto algum tipo de serviço para a área da moda hoje, é para desmistificar essa questão do *fast fashion*, do consumo exacerbado da roupa, da moda, do vestuário.”

A defesa de Raquel volta-se para o desenvolvimento do que ela chama “peças atemporais” e “guarda-roupa inteligente”. Essa é a principal preocupação do seu trabalho atualmente. Sua expectativa é de que, com o tempo, os grandes varejistas adequem seus posicionamentos e serviços, e as pessoas tomem consciência de outras formas de consumo.

Engajada nessa ideia, Raquel diz ter se tornado uma militante nesse cenário, buscando desenvolver trabalhos preferencialmente com resíduos têxteis.

É com base nesse conjunto de pensamentos, transformações e reflexões que Raquel fundamenta sua participação no JCC. Ela conta que foi convidada para o projeto por efeito de suas próprias publicações nas redes sociais. A equipe viu o seu perfil no *LinkedIn* e entendeu que ela se alinhava às expectativas da proposta.

A participação de Raquel no JCC conforma uma atuação típica do **mentor-parceiro do CIEDS²**, especialista cuja prática caracteriza-se pelo compartilhamento não só de expertises profissionais, mas também de formas de afeto e engajamento nas temáticas de cada processo.

Raquel já havia trabalhado em outros projetos do CIEDS, tendo participado como tutora em um projeto de empreendedorismo executado pela instituição. Ao atuar como facilitadora na implementação do JCC, se encantou com a proposta e pediu para assumir uma das mentorias.

2 Centro Integrado de Estudos e Programas de Desenvolvimento Sustentável. Organização da sociedade civil que executa o projeto JCC.

A relação com o voluntariado foi além e Raquel ainda atuou como avaliadora na etapa final da Jornada Formativa oferecida aos participantes. Ela compôs duas bancas de avaliação voltadas à apresentação dos protótipos das pesquisas realizadas.

Raquel diz conhecer de perto isso a que chama de “base da pirâmide”, isto é, o trabalho com novos empreendedores, empreendedores periféricos, mulheres que estão empreendendo e jovens *founders*.

Como se vê, “periferia” e “juventude” também são palavras-chave na trajetória profissional de Raquel. Seu interesse por esse grupo social decorre de sua própria experiência de vida. Nesse sentido, não surpreende quando ela considera a participação no JCC uma oportunidade de imersão nesse universo: são 100 jovens universitários, cuidadosamente selecionados, com os quais se tem a oportunidade de trocar conhecimentos durante algum tempo.

Desse modo, acompanhar como mentora o desenvolvimento das pesquisas do JCC significa para Raquel pôr em ação um processo formativo que ensina não somente ao jovem mentorado, mas também aos mentores.

“Eu gosto mais de trabalhar para jovens que estão em início de carreira, que estão desenvolvendo e buscando descobrir o mundo... porque quando eu descobri o mundo foi muito na base do esforço, sabe? Não foi nada fácil... e não é fácil. Ainda mais pra uma mulher periférica, negra, não é?”

Como mentora do JCC, ela conta que procurou fazer abordagens mais gerais, voltadas ao mundo dos novos negócios – área que muito lhe atrai. Tudo sempre dentro de um recorte que também lhe interessa muito, voltado a sustentabilidade, impacto socioambiental positivo, economia circular, princípios do ESG (Ambiental, Social e Governança), entre outros.

“A partir do momento que o jovem está idealizando uma proposta de negócio, prototipando uma ideia de negócio, a gente procura orientar de forma que tenha impacto positivo, né? Que possa ambientar de forma mais alinhada positiva possível a ideia dele.”

Raquel destaca a oferta de bolsas no JCC como um ponto importante do projeto. Diz que achou essa ação fantástica porque os jovens muitas vezes não têm dinheiro para o transporte e isso impede que eles cheguem até o local de estudo. Além disso, falta também dinheiro para a alimentação, de modo que toda essa demanda impacta na concentração e no engajamento de cada um nos processos formativos.

Assim, a bolsa oferecida aos estudantes de JCC foi, segundo ela, muito importante para o bom andamento do processo. Raquel diz ter vivido situações semelhantes em sua trajetória, passando muitas vezes por necessidades como essas, embora, desde muito nova, tenha trabalhado e conquistado o próprio dinheiro. Ela lembra que no período da faculdade estudou sem recurso nenhum até conseguir emprego.

“Eu procurava buscar ‘bolsas’. Isso não quer dizer que a universidade me dava. Era eu que tinha que correr atrás e provar que tinha todas essas necessidades pra poder ganhar a bolsa. É mesmo ganhando a bolsa eu ainda trabalhava, porque o dinheiro da bolsa era pouco.”

Outro ponto destacado por Raquel é o vínculo do JCC com o Programa **Nave do Conhecimento**. As Naves funcionam como pontos focais dentro das comunidades, afirma a designer de moda. Esses espaços precisam ser muito explorados pelo JCC, utilizados ao máximo, ela insiste. Raquel conta que sua vida mudou radicalmente a partir do dia que fez contato com a Nave.

“porque foi aí que eu ‘virei a chave’ da moda para a inovação, para o empreendedorismo, foi dessa experiência da Nave, né? –, se mudou a chave para mim, pode mudar para todos esses jovens agora.”

Nave do Conhecimento é o nome do programa que constitui uma rede de equipamentos públicos municipais voltados à democratização do acesso a tecnologias digitais. A Nave de Padre Miguel, bairro onde Raquel morava, foi a segunda a ser inaugurada. Na época, Raquel já havia concluído duas faculdades e cursava pós-graduação na Universidade Federal Fluminense (UFF).

Ela conta que o fato de já ser adulta não impediu que fosse até a Nave descobrir o que significava aquele novo espaço na comunidade. Foi nesse contexto que se inscreveu no curso de Tecnologia e Empreendedorismo e também começou a fazer aulas de inglês.

“Eu, com curiosidade [de saber o que era a Nave do Conhecimento], pensei: ‘Vou lá saber o que é!’. Porque a maioria das pessoas daquela região não tinham curiosidade de entrar e saber... ‘Ah, tem computador? Eu posso entrar na internet? Beleza, é isso que eu preciso!’. As pessoas não tinham, assim, esse envolvimento de fazer cursos, de se engajar em outras possibilidades, sabe? E eu, mesmo formada, falei: eu vou! Por que não? E fiz cursos, enfim... Foi abrindo outros leques, outros caminhos.”

Voltando aos dias atuais, Raquel fala com empolgação sobre a chegada do JCC nas Naves do Conhecimento. Ela faz questão de afirmar o potencial do projeto como possível política pública. Sob sua visão, a única maneira de garantir a permanência dessa rica experiência junto aos territórios seria convertendo o projeto em política governamental.

Seu argumento é de que a grande maioria dos jovens da periferia têm dificuldades para se deslocar e se manter nas universidades. Nesse sentido, o impacto social causado por um projeto que “leva a universidade para os territórios” não seria nada pequeno, diz Raquel. Segundo ela, se não leva a universidade inteira, o projeto leva ao menos mentores, pesquisadores e professores qualificados para os territórios.

Raquel considera altamente relevante a ideia de estudantes terem acesso ao universo proposto pelo JCC na periferia, ou seja, em locais próximos às suas casas, mesmo que parte do processo ocorra no formato virtual. Ela conta que isso já vale muito porque, se a pessoa não tem conexão de internet em casa, não tem equipamento celular ou computador, na Nave ela vai encontrar tudo isso, e sem custos.

Por tais razões, Raquel sentiu-se fortemente motivada a colaborar com o JCC. Ela diz que esta é uma forma não só de retribuir a tudo o que o programa das Naves fez por ela, mas também de estar mais perto dos jovens e poder passar para eles

e elas um pouco da sua trajetória e da sua experiência que, embora cheias de desafios, parecem ter valido muito a pena.

“Antigamente, nos anos 80, era aquele boom: eu sou jovem, vou montar uma banda... Não! O jovem agora quer montar startup. O jovem agora quer ter seu próprio negócio... Se o governo puder subsidiar, ótimo. Se não, os caras vão com o que puder, entende?”

A passagem de Raquel pela Nave do Conhecimento abriu novas perspectivas para a então jovem moradora de Padre Miguel. Daquele momento em diante, sobretudo após o contato com o curso de Tecnologia e Empreendedorismo, ela diz que “a chave mudou”: o trabalho com a moda ficou cada vez mais restrito e o interesse por desenvolvimento de novos negócios ganhou espaço em sua trajetória profissional. Raquel mergulhou de cabeça no universo empreendedor, buscou qualificações para atuar como tutora, mentora e facilitadora de projetos, e segue militante nessa área até os dias atuais.





**RICARDO
CARVALHO**

**o homem que
queria voar**

Ricardo mora no Recreio dos Bandeirantes, nasceu em Bonsucesso, mas viveu a vida inteira no Irajá, bairro situado a aproximadamente 20 km do centro do Rio de Janeiro, na Zona Norte da cidade. Esse engenheiro químico, de 47 anos, é professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Propriedade Intelectual e Inovação do Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI).

Ricardo atuou como “facilitador” na Jornada Formativa do Projeto Jovens Cientistas Cariocas (JCC). O convite se deu por intermédio de um ex-aluno, orientado por ele no curso de mestrado do INPI. Ricardo diz que ficou encantado quando ouviu sobre o projeto, pois percebeu que, de certo modo, o JCC refletia a sua própria história, a sua carreira – também de cientista – e as dificuldades que enfrentou nessa trajetória.

“O convite pra participar do Jovens Cientistas Cariocas, eu acho que reflete um pouco a minha história também. A minha família é de Irajá...Na verdade, São João de Meriti... Meus avós eram de São João de Meriti. Isso na década de 1960, 1970.”

Ricardo conta que lembrou da própria história de vida quando soube do projeto. Foi por meio do acesso a essas memórias que ele diz ter encontrado motivação para aceitar o convite, arranjar uma brecha na agenda e dedicar algum tempo do dia para dialogar com os recém-chegados jovens cientistas cariocas.

O tema da sua aula foi sobre Informação Tecnológica. Nela, os participantes do JCC viram a importância de recuperar informações em bancos de patentes. A ideia é “não reinventar a roda”, explica Ricardo. Segundo o professor, é desse modo que funciona a pesquisa.

“As universidades geralmente desenvolvem soluções e depois buscam encaixar num problema... O que o JCC está fazendo é justamente o contrário. Eles expuseram os problemas e vão fazer pesquisa para desenvolver a solução para aquele problema existente da sociedade... que é o papel da universidade, né? O papel da extensão universitária é esse.”

Assim, tendo em vista que o trabalho do estudante do JCC é pesquisar soluções para problemas identificados nos territórios, a missão de Ricardo foi fazê-los entender que, por meio de buscas nos bancos de patentes, é possível enxergar soluções já existentes sobre determinadas ideias. Isso permite pensar o que se pode fazer para além do que já existe, ou seja, permite “melhorar a roda”, em vez de reinventá-la.

“São jovens cientistas começando, assim como eu lá no passado, com os olhos brilhando. A iniciativa é maravilhosa porque está olhando de forma diferente, está olhando para os problemas aplicados ao dia a dia deles. Ou seja, ensinando o olhar a identificar o problema no seu dia a dia e saber que você é um agente modificador, que você pode ser esse agente transformador... Olhar o problema, propor uma solução e usar a ciência para modificar a sua realidade.”

Ricardo também acrescenta que aceitou o convite para participar do JCC por entender que essa seria uma maneira de retribuir a formação pública que obteve em sua trajetória profissional: “Eu estudei em universidade pública, sou servidor público e tenho espírito público”, reflete o professor. Tendo isso em vista, ele afirma ter se empenhado ao máximo para contribuir com o projeto e explica que desejou oferecer um tempo de sua vida àqueles jovens porque eles são os futuros pesquisadores do país.

Eu tive a iniciação científica (IC), que me ajudou, mas eles estão tendo uma iniciação científica melhorada... Acho que o JCC é uma evolução da iniciação científica, sabe?”

Voltando ao passado, Ricardo conta que seu avô não concluiu o segundo grau (atual ensino médio), mas, ainda assim, conseguiu chegar ao cargo de superintendente em uma empresa de telecomunicações que ficava em Vicente de Carvalho, bairro próximo de onde moravam.

O emprego do seu avô garantiu uma situação financeira confortável aos seus avós maternos. Seus pais, contudo, não tiveram as mesmas condições. Ricardo conta que, com o passar do tempo, as coisas até pioraram. Nada disso, porém, foi motivo para diminuir a importância do “conhecimento” entre os seus familiares. Para o engenheiro, esse foi um aprendizado marcante na sua educação.

Assim, seu pai, somente com idade já avançada, conseguiu graduar-se em Administração de Empresas. Ele cursou uma faculdade privada e começou a dar aulas de matemática financeira à noite. De acordo com Ricardo, o pai dava aulas por puro prazer, visto que o salário não compensava tanto.

Ricardo fala da história do pai com afeto e inspiração. Diz que é uma história muito bonita. O pai era apaixonado por dar aulas, e Ricardo acha que se tornou professor em razão da paixão que o pai tem pela educação. Ele conta que o pai, aos 63 anos, já aposentado, realizou o sonho de cursar uma faculdade de Matemática. E, não satisfeito, aos 67 anos fez pós-graduação, também em Matemática. Tudo pelo prazer de estudar.

Foi nesse contexto que Ricardo cresceu: sem grandes recursos financeiros, mas sempre sob a inspiração de que o conhecimento era um bem que permaneceria com toda a família, independente de qualquer crise.

Ricardo se emociona ao lembrar da própria trajetória e diz que muitos anjos passaram por sua vida: a tia Dulce, que deu a ideia das aulas particulares, as quais o ajudaram financeiramente na época da faculdade; o coordenador do pré-vestibular, que deu acesso gratuito às aulas de reforço; o pai, maior incentivador de seus estudos; e também Lucia Raddi, professora e orientadora, que lhe ofereceu uma bolsa de estudos do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), na UERJ.

Foi a primeira bolsa de IC da sua trajetória acadêmica; e Lucia foi a pessoa que efetivamente lhe apresentou o mundo da ciência. De lá até os dias atuais, Ricardo diz ter seguido a vida como um rio, ora fazendo curvas, ora seguindo reto, ora encarando turbulências e calmarias.

Apesar das dificuldades e desafios enfrentados, Ricardo se reconhece como uma pessoa de privilégios, visto que é um homem branco heterossexual que não sofreu discriminação social.

Segundo observa, tais privilégios facilitam, no contexto das universidades públicas, por exemplo, o acesso a recursos como bolsas de IC. Ricardo conta que, na época que estava na faculdade, o ingresso ao PIBIC pertencia basicamente a uma “elite branca” – expressão usada por ele. No entanto, segundo o engenheiro, hoje isso está mudando, e o JCC ajuda a escrever essa transformação.

“É um projeto lindo demais. Eu acho que isso tem que ser escalado, sabe, pro Brasil... Tem que ser referência; e que seja ampliado, que tenha mais recursos. Porque eu acho que foi feito ainda com muito sacrifício, com recursos escassos, sabe? [...] E talvez aí esteja a arte da gente que prima pela educação: como tornar a educação visível, o impacto da ciência e da educação visíveis...”

A história de vida de Ricardo contém passagens que o aproximam ainda mais do JCC, sobretudo as que se relacionam ao campo educacional e aos processos das juventudes. Ele conta que foi a partir do contato com jovens da Fundação para a Infância e Adolescência (FIA) que a história e a memória da sua trajetória ganharam sentido e se organizaram pela primeira vez em sua cabeça.

A história do *homem que queria voar* nasceu de uma palestra sobre Propriedade Intelectual que Ricardo ministrou na referida instituição. Ele relata que foi desafiador falar de um tema tão complexo, tão elitizado e de fronteira para um grupo de jovens com vidas tão precárias. Segundo ele, foi uma palestra impactante, tanto para o grupo quanto para si mesmo.

Por meio de uma espécie de *storytelling* intitulado “o homem que queria voar”, Ricardo contou a história da sua própria vida para aqueles jovens. Falou dos desafios, dos problemas, dos altos e baixos que enfrentou e, sem que percebessem, foi aos poucos introduzindo os conceitos de Propriedade Intelectual, explorando exemplos de um cotidiano vivido pelos meninos e meninas junto a uma história real.

Para dialogar com aqueles jovens, Ricardo colocou em prática um rigoroso exercício de atenção e cuidado. Cada gesto e palavra utilizados por ele na palestra foram pensados de modo a aproximar o máximo possível os universos acadêmico e popular.

Ricardo não só trouxe uma história real como também usou roupas mais despojadas durante a apresentação. Além disso, utilizou exemplos próximos da realidade daqueles jovens em vez de exemplos gerais. Esses são gestos (comunicacionais e atitudinais) que ajudaram Ricardo a aproximar mundos tão distintos, impactando tanto a vida de um acadêmico experiente quanto a de jovens que muitas vezes não conseguem se reconhecer diante da palavra “futuro”.

Não seria esse esforço de aproximação de mundos aparentemente tão distantes uma ação altamente sofisticada de popularização da ciência? Não estaria embutido nessas ações formas sensíveis de atenção e escuta dos territórios? Não seriam esses os principais propósitos do JCC?

Ricardo é dessas pessoas que efetivamente acreditam na força da juventude. Ele parece não medir esforços para compartilhar conhecimentos sobre o seu domínio profissional com esse grupo. Porém, o que parece estar mesmo no centro da sua vontade é o valor de afirmar às novas gerações, mesmo a quem se encontra em condições sociais adversas, que uma pessoa pode voar quando deseja voar.

“Passando ali pelo cemitério, tem a Nave do Irajá. Quando eu vi aquilo eu fiquei encantado... eu pensei: ‘Caramba...’. Eu hoje com outro olhar, né? Olhar de cientista, de pesquisador... Uma Nave do Conhecimento no meio dessa praça onde só tinha velinhos jogando sueca... Achei incrível! Eu acho que o que marcou do projeto JCC foi isso... de me enxergar ali, a minha história, né? De saber que a ciência está chegando ali... Eu ia de Irajá até a Ilha do Fundão pra chegar mais perto da ciência. Hoje a ciência está mais perto de todo mundo... ou pelo menos tá tentando, né?”

A woman with long, wavy brown hair and glasses is smiling slightly. She is wearing a white, short-sleeved, button-down shirt and a brown leather belt. She is standing in front of a building with a balcony and a white fence. The background is slightly blurred. There are two thick teal graphic lines: one is a curved line that starts from the bottom left and goes towards the center, and the other is a diagonal line that starts from the top right and goes towards the bottom left.

JESSICA LUZES

o que se
aprende quando
aproximamos
diferenças?

Jessica mora em Jacarepaguá, mas se diz “nascida e criada” em Campo Grande, bairro da Zona Oeste do Rio de Janeiro, situado a 53 km do centro da cidade. A distância entre o bairro onde Jessica nasceu e as demais regiões do município definiu, entre outras coisas, a universidade na qual cursou sua primeira graduação.

A fim de não se afastar muito de Campo Grande, Jessica conta que ingressou no curso de História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), localizada em Seropédica, município vizinho do Rio, na Baixada Fluminense.

Jessica é servidora pública concursada para o cargo de Técnico em Assuntos Educacionais, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Ela trabalha na Pró-Reitoria de Políticas Estudantis, voltada a alunos em situação de vulnerabilidade. Uma das ações do seu setor é a promoção cultural, área na qual atua junto a outros servidores.

Foi o trabalho na UFRJ que lhe trouxe motivação para ingressar como aluna na Universidade Cruzeiro do Sul e formar-se no curso de Produção Cultural, sua terceira faculdade. Sim, além do já mencionado curso de História na UFRRJ, Jessica também havia cursado Sociologia na UFRJ, assim como cursos de pós-graduação em Gestão Cultural e Arte e Cultura. Ela também fez mestrado e doutorado em História Política e Bens Culturais pelo CPDOC/FGV³.

E, recentemente, finalizou o MBA Data Science Analytics USP/ESALQ. Diante de tantos títulos de graduação, é justo que ela goste de se apresentar como uma pessoa de “formação multidisciplinar”.

Assim, essa historiadora, socióloga e produtora cultural conta que descobriu o Projeto Jovens Cientistas Cariocas (JCC) porque é uma pessoa que está sempre buscando novas ideias. Ela viu a chamada nas redes sociais, achou interessante e decidiu se inscrever como voluntária.

Jessica Luzes atuou como mentora no JCC e acompanhou a pesquisa desenvolvida por três estudantes durante a Jornada Formativa do projeto. Duas pesquisas na área de humanas e uma na área STEAM⁴. Além disso, foi convidada para participar como avaliadora de outras pesquisas, na etapa de apresentação dos protótipos para as bancas de avaliação.

“Eu achei incrível quando vi a chamada do JCC [...]. Quando eu olhei as possibilidades do projeto, eu falei: ‘Nossa! Olha que incrível!’.

4 Sigla em inglês para se referir a carreiras nas áreas de Ciência, Tecnologia, Engenharia, Artes e Matemática.

“Você permitir que os alunos sejam mentorados por pessoas que têm experiências profissionais distintas daquela do professor acadêmico... Eu acho que isso enriquece muito o aluno.”

Uma das pesquisas que Jessica acompanhou como mentora dedica-se a pensar o universo feminino. Trata-se do estudo realizado por Camila da Silva Bahiense, intitulado “Inclusão da gestante e mãe na sociedade”. A pesquisa busca soluções para que mães, gestantes e mulheres que de alguma maneira estão vivendo a maternidade possam concluir os seus estudos.

Tal investigação conduziu mentora e mentoranda a fazerem entrevistas com variadas mulheres, de modo que foi possível entrar em contato com pessoas engajadas na causa feminina: mães, mulheres já formadas e mulheres estudantes, gente que criou o Coletivo de Mães da UFRJ, entre outras. Nesse contexto, Jessica destaca a

riqueza não só da temática abordada pela sua mentoranda, mas também o impacto que a atividade realizada produziu sobre elas duas e sobre as entrevistadas. Vale ressaltar que a pesquisa foi contemplada como um dos 27 destaques do JCC na Mostra Jovens Cientistas Cariocas, realizada em dezembro de 2024.

**“Eu pensei: ‘Que oportunidade incrível!’.
Você reunir jovens de faculdades diferentes, experiências de vida diferentes... Eu acho que se o JCC pudesse continuar, seria um grande ganho para a juventude ou para os jovens que participam, né?”**

Jessica se descreve como uma pessoa privilegiada, vinda de uma família de professoras da educação básica. Quando criança, dizia que se formaria em medicina porque gostava do *status* social da profissão. Porém, no ensino médio, cursando uma escola privada em Campo Grande, conheceu Gilmar da Silva, um professor de História que mudaria significativamente o rumo das coisas. Conforme consta em sua memória, Gilmar foi o único professor negro com quem teve contato na escola: “Eu queria a paixão dele”, diz ela.

De acordo com a produtora cultural, Gilmar era um apaixonado pelo que fazia, era um apaixonado por dar aulas, pelos conteúdos e pela forma de passar os conteúdos. Ela conta que o olhava dar aulas e desejava ter a mesma paixão, a mesma energia. Havia naquele professor uma “entrega diferenciada” que, conforme Jessica, foi “marcante”. Ela confessa que repetia para si mesma: “Eu quero ter esse olhar crítico, eu quero essa percepção de mundo para mim”.

Foi, portanto, a partir das aulas do professor Gilmar, que Jessica começou a pensar em cursar a graduação em História e também foi a partir das aulas dele que o *status* social oferecido pela medicina foi ficando cada vez mais desinteressante.

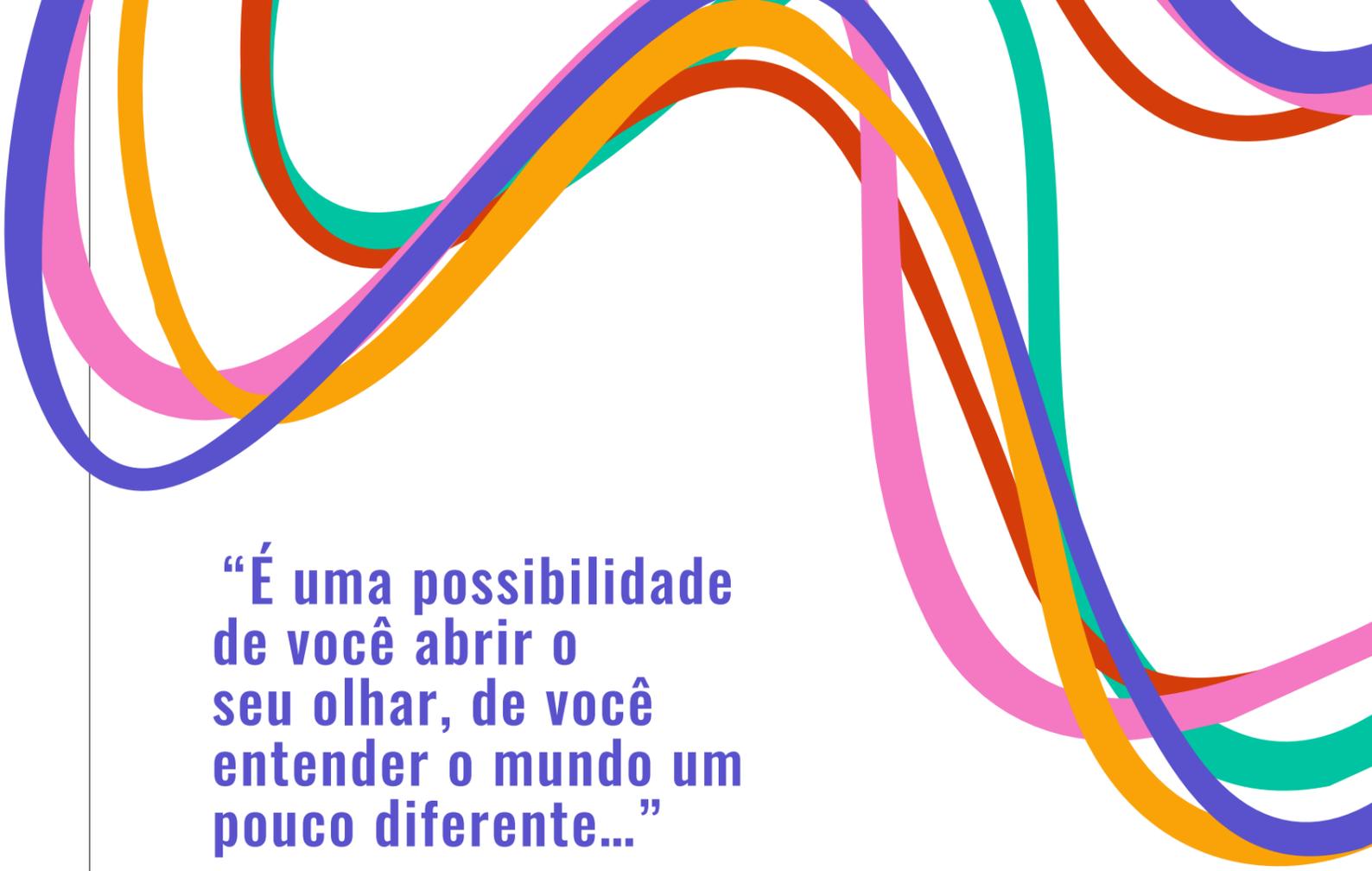
Ela conta que a ideia de cursar História foi bastante criticada entre seus familiares, mesmo tendo uma família escolarizada,

com tias professoras e formação em nível superior numa época em que isso não era comum. Para eles, lecionar História definitivamente não dava *status*. Porém, o impacto das aulas do professor Gilmar bateu mais forte. Foi, conforme suas próprias palavras, “transformador”.

Jessica partiu então em busca do seu desejo. Quando entrou para o curso de História, lembra que mal sabia sobre a existência das ciências sociais, da antropologia, da ciência política... Até a entrada para a faculdade, ela entendia que o único destino possível de uma pessoa formada em História era a docência.

A experiência de descobrir outras formas de atuação no mundo e de se afastar de uma aceitação passiva das coisas se deu aos poucos em sua vida, mas o início de tudo foi mesmo com as aulas do professor Gilmar e com o modo de vida que ele levava.

“Por isso a importância do Jovens Cientistas, porque é a oportunidade que o estudante tem de entrar em contato com pessoas que tiveram formações e experiências de vida diferentes...”



“É uma possibilidade de você abrir o seu olhar, de você entender o mundo um pouco diferente...”

Além de aprender a ver a vida com outros olhares, Jessica diz que o professor Gilmar plantou nela a vontade de contribuir com o mundo, de “tocar o outro”, no sentido de colocar em ação uma contribuição humana. Ela relembra situações de angústia que viveu profissionalmente ou mesmo como estudante, situações de incerteza e correria. Conta ainda que, como mentora do JCC, procurou acolher também essas angústias, em vez de se deter somente em orientações técnicas. Ela se diz enriquecida humanamente com esse tipo de troca.

Assim, Jéssica afirma que aproximar diferenças pode impactar muito a vida das pessoas. Para ela, o grande potencial metodológico do JCC está na promoção desses “encontros”. Ela diz ter avistado essa possibilidade ao saber da existência do projeto e decidiu que queria muito trocar experiências com esse grupo.

Atuar como mentora voluntária tornou-se então o caminho encontrado por Jessica para se integrar ao time JCC. A mentoria foi a porta de entrada que lhe permitiu acompanhar, contribuir, pensar questões e trocar muitas ideias a partir de perspectivas diferentes com diversos e diversas jovens presentes no projeto.

“Eu acho que isso enriquece, né? É isso! Eu tenho uma formação acadêmica e eu estou entrando em contato com jovens que têm uma formação acadêmica, uma experiência de vida, vivências diferenciadas... Então, eu acho [isso] fundamental para a gente enriquecer como ser humano e como profissional, ter esses contatos, **ESSAS relações entre os diferentes saberes, entre as diferentes formações... Às vezes eu acho que a academia ‘engessa’ um pouco.”**

Outra pesquisa acompanhada por Jessica dedicou-se a pensar um conhecimento muito específico da área tecnológica, voltado ao comportamento de ligas metálicas. Trata-se do projeto apresentado por Susan Melo da Rocha, intitulado “Explorando os benefícios da anodização sobre a resistência à corrosão de ligas leves”. Embora seja um domínio distante das áreas de conhecimento estudadas por Jessica, ela precisou encontrar um meio para pensar com Susan formas mais acessíveis de apresentar tal conhecimento ao público.

Jessica diz ter gostado muito de viver essa experiência, justamente porque a pesquisa pertencia a um campo de estudo bastante distinto do seu: enquanto a mentora vinha da área de humanas, a mentoranda vinha da área STEAM. Jessica ressalta que foi precisamente na diferença, ou seja, no âmbito da aproximação entre diferentes, que ela viveu um dos momentos mais impactantes de aprendizagem no JCC.



“Eu nunca tinha entrado em contato com esse tipo de abordagem, com esse tipo de possibilidade [...]. Quando eu poderia imaginar que eu teria uma mentoranda da área STEAM? Eu que sou da área de humanas, né? Pensando popularização da ciência com ligas metálicas, que é um conhecimento que eu nunca tive contato. Então é essa troca que eu acho que o Jovens Cientistas Cariocas me proporcionou... Foi esse encontro de saberes distintos que eu acho que mais me ensinou.”

Jessica também sustenta a ideia de que as universidades precisam se abrir mais ao debate sobre empreendedorismo, economia da cultura, leis de fomento e outros. Essa também é, segundo ela, uma forma de exercitar a aproximação das diferenças, promovendo o encontro entre campos distintos que precisam fundamentalmente se encontrar. Ela ressalta que o JCC, de alguma maneira, produz o encontro entre esses diferentes campos (do conhecimento e social).

Foi durante o curso de História na UFRRJ, por intermédio da sua primeira orientadora acadêmica, que Jessica entrou em contato com a pesquisa científica. Foi a professora Luciana Nóbrega quem efetivamente lhe apresentou a ciência e, assim como o professor Gilmar, foi ela quem lhe encorajou a seguir em frente, acreditando no seu potencial e motivando seu aperfeiçoamento.

Jessica faz questão de lembrar que a sua escrita era precária na época da graduação. Ela diz que foi preciso reaprender a escrever quando entrou para a academia, de modo que, sem o encorajamento que recebeu dessas duas pessoas, a sua jornada teria sido muito mais difícil.

A história de alguém que se forma em três faculdades, que é aprovada em um concurso público federal de nível superior, que escolhe a carreira

profissional que deseja seguir e se diz realizada com o trabalho que faz parece indicar a experiência de alguém que teve a oportunidade de fazer escolhas na vida – gesto que pode ser entendido como um privilégio social.

Ter privilégios, contudo, não significa afirmar uma vida fácil – pelo menos esse não é o caso da história de Jessica. Foram muitos os desafios que ela precisou vencer ao longo dos seus 39 anos de vida. Filha de uma servidora pública, sua mãe foi diagnosticada com esquizofrenia quando Jessica tinha apenas 7 anos. Tal episódio impôs sobre a vida dessas duas mulheres uma inversão radical dos papéis até então estabelecidos. Um amadurecimento precoce foi forçosamente acionado e Jessica tornou-se uma espécie de mãe da própria mãe, cuidando dela até os dias atuais. Além disso, precisou trabalhar desde muito nova para somar algum suporte financeiro à situação na qual se encontravam. Jessica é filha única, e seu pai, vale dizer, também é uma pessoa diagnosticada com esquizofrenia.

Contudo, a produtora cultural nascida em Campo Grande e entusiasta dos processos das juventudes prefere afirmar a vida a partir dos privilégios que a vida lhe deu, e não das dores.

É nesse sentido que Jessica destaca a experiência de “conhecer pessoas diferentes” como uma prática impactante do JCC. Uma proposição que remete ao “privilégio” que recebeu da vida ao encontrar seus dois mentores: o professor Gilmar, na adolescência, e a professora Luciana, na juventude. Algo que tem em si a potência transformadora de fazer as pessoas refletirem sobre si mesmas, sobre suas trajetórias e sobre seus desejos, sejam elas mentoras ou mentorandas, sejam os desejos profissionais ou pessoais.

“Esse professor, esse reconhecimento, essa empatia, essa energia diferenciada, foi [isso] o que me mobilizou, o que me garantiu algum nível de saúde mental... Foi essa energia diferenciada, de fazer o que você gosta, de fazer o que você ama... de você ter esse olhar de reconhecer a fragilidade do outro e tentar acolher...”



**GABRIELA
CARDOSO**

um sonho
que não se
sonha dormindo

Gabriella é psicóloga, tem 24 anos e está enamorada de Enzo, um dos 100 estudantes selecionados para o Projeto Jovens Cientistas Cariocas (JCC). Ela mora em Inhaúma desde que nasceu, bairro da Zona Norte do município do Rio de Janeiro, cuja distância do centro da cidade é 18 km.

Ela conta que sempre morou perto de Enzo, mas só foi conhecê-lo depois da pandemia da covid-19. Ambos têm amigos em comum e foi isso que aproximou o casal. Aos poucos foram se encontrando em festas e programações organizadas por esse grupo, até que um dia o desejo do namoro aconteceu.

Eles se conheceram no período em que Enzo estava fazendo provas para ingressar na Marinha. Gabriella diz que, naquele momento, o desejo já existia, mas eles ainda não namoravam. Enzo foi aprovado e precisou cumprir o chamado período de adaptação nas forças armadas – fase na qual os recém-chegados ficam recolhidos na organização recebendo as primeiras instruções.

Após a fase de adaptação, seria preciso esperar mais um ano até que Enzo completasse a primeira etapa da formação militar. A escola fica no estado do Espírito Santo, por isso ele precisaria se mudar para lá. O acordo entre os dois foi de aguardar o retorno de Enzo e, se até a sua volta o sentimento ainda existisse, eles oficializariam o namoro. Contudo, não foi preciso esperar tanto. Já no período de adaptação, Enzo desistiu da carreira militar, voltou para o Rio de Janeiro e o namoro começou.

Enzo decidiu então fazer o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e foi aprovado para a faculdade de Fonoaudiologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). O interesse do ex-futuro militar pela área da saúde aproximou ainda mais o casal. Fonoaudiologia e psicologia são campos de estudos que trocam muitas ideias. Dentre elas, as que envolvem questões ligadas ao uso da Língua Brasileira de Sinais (Libras), objeto de estudo da pesquisa desenvolvida por Enzo no âmbito do JCC.

A proposta apresentada pelo rapaz ao JCC visa o desenvolvimento de uma tecnologia assistiva voltada ao auxílio de pessoas surdas em instituições de ensino, intitulada Libras Viva. Trata-se de um aplicativo que realiza, em tempo real, traduções do que é falado em sala de aula para à Libras.

Segundo Enzo, a ideia é proporcionar aos deficientes auditivos um entendimento ampliado do que se passa em sala de aula. Nesse sentido, complementa Gabriella, a proposta também sugere uma solução (provisória) para a falta de profissionais tradutores no mercado.

“Falam que as crianças têm mais facilidade de aprender uma língua nova, né? Assim a gente vai aumentando a quantidade de pessoas que sabem Libras. Não fica só uma coisa exclusiva de quem precisa se comunicar com eles... O projeto do Enzo visa isso.”

Gabriella conta que a proposta de Enzo surgiu em uma disciplina de Libras, cursada por ele na faculdade, onde se interessou muito pela temática. Foi algo que “abriu os olhos dele” para esse universo. O Libras Viva tem hoje um perfil na rede social Instagram⁵ e um site em construção. No site será possível não apenas fazer traduções convertendo textos em imagens (sinais da Libras), como também aprender a fazer os movimentos dos sinais.

Contudo, para que a tecnologia proposta por Enzo entrasse em ação, seria preciso o auxílio de uma equipe especializada, visto que a formação do jovem cientista não é no campo tecnológico. Ante essa problemática, Gabriella argumenta que o trabalho de mentoria oferecido pelo JCC cumpriu um papel fundamental nesse processo. Ela lembra que a mentora que acompanhou a pesquisa de Enzo vinha justamente da área de tecnologia. Desse jeito, foi possível avançar com a ideia e pensar, de modo colaborativo, soluções para a questão apresentada.

5 Disponível em: https://www.instagram.com/libras_viva?igsh=OXc3Mnd3cjhkNDlr.



Em síntese, pode-se dizer que o envolvimento de Enzo com a ideia do aplicativo “abriu os olhos” de Gabriella para o universo da surdez. Ela conta que, aos poucos, foi se sentindo contagiada pela temática trazida pelo namorado e foi percebendo a importância e o alcance social do trabalho que ele estava desenvolvendo. Gabriella diz que passou a prestar mais atenção no mundo ao seu redor. Passou a ver mais pessoas se comunicando em Libras.

“Foi uma coisa, assim, que abriu os meus olhos... A gente sabe que existe, a gente sabe que está aí, mas a gente não percebe, né? Então isso foi uma coisa que me despertou, assim, por estar na nossa vivência. Me trouxe essa reflexão, de estar entre a gente, e também me despertou o interesse de trabalhar com isso, de pesquisar mais, de conhecer, de entender, de aprender essa língua.”

Gabriella se refere ao JCC como um projeto muito interessante. Conta que ela e o namorado ficaram sabendo da proposta juntos, mas só ele se inscreveu. O projeto é exclusivo para quem ainda está estudando e, na ocasião, Gabriella já havia concluído a faculdade.

Ela conta que os dois estavam fazendo uma caminhada nos arredores do Engenhão (apelido do Estádio Olímpico Nilton Santos, localizado no bairro de Engenho de Dentro, Zona Norte do município do Rio de Janeiro) e resolveram parar para beber água justamente em uma Nave do Conhecimento⁶, que fica ao lado do estádio. A Nave funciona como uma espécie de centro cultural na região. Foi lá que eles viram o panfleto com a chamada para participar do JCC. Enzo se interessou, fez a inscrição e foi selecionado.

No âmbito do projeto, chamou a atenção de Gabriella a quantidade e a qualidade das informações que circularam entre os participantes durante a Jornada Formativa, seja presencialmente ou via grupos de WhatsApp criados pela equipe.

“Tinha o *chat* deles. Eu não fazia parte, mas o Enzo me enviava muita coisa de muitos eventos de tecnologia, de invenções... Muitas coisas muito legais, que, se não fosse pelo projeto, eu não teria conhecimento. Ele foi em muitos eventos legais, muito legais mesmo... Em um deles, teve várias palestras sobre meio ambiente, sobre tecnologia... Ele até viu um cachorro robótico [...]. Então, assim, uma coisa que eu achei muito legal foram essas oportunidades que ele teve acesso, que chegaram até ele pelo próprio CIEDS [...] porque além de todo o processo do projeto, além de todas as aulas, ainda teve essa divulgação.”

Gabriella se diz impactada não só pela proposta de Enzo, mas por várias dentre as que assistiu na etapa das bancas de avaliação do JCC. Ela conta que lembrou da época da graduação, quando havia o Serviço de Psicologia Aplicada da Universidade (SPA), cuja proposta voltava-se ao atendimento do público externo, constituído basicamente por moradores de uma comunidade situada no mesmo território onde se encontra a universidade.

No SPA, o atendimento é feito pelos próprios estudantes, que cumprem uma espécie de residência clínica de psicologia. Além disso, havia também outros projetos dentro da mesma comunidade que funcionavam como estágios para os graduandos.

Nessa direção, Gabriella faz uma observação importante entre a observação importante entre a experiência que viveu na faculdade e a experiência que o JCC oferece agora aos estudantes universitários: ela diz que, na faculdade, a experiência estava voltada para os moradores da comunidade, de modo que os estudantes não atuavam em seus territórios. No JCC, porém, ela afirma que o foco está nos estudantes, ou seja, a oportunidade é para eles, e são eles que desenvolvem os projetos em seus próprios territórios.

Assim, no rasto dessa trajetória, Gabriella segue fazendo planos para o futuro, sempre em companhia de Enzo, evidentemente. A perspectiva ideal seria os dois montarem uma clínica multiprofissional, que ofereça serviços tanto de fonoaudiologia quanto de psicologia. Ela acrescenta que a ideia pode se tornar um empreendimento familiar, já que tem uma irmã profissional da educação física e um irmão fisioterapeuta. Contudo, será preciso aguardar ainda algum tempo até que Enzo conclua sua formação e Gabriella dê conta de outros planos que também fermentam em sua cabeça.

Para Gabriella, seu maior desejo é ser aprovada em um concurso público, mesmo que não seja na sua área de atuação. A aprovação seria uma forma de garantir a montagem da clínica. Outro plano que habita sua mente é o ingresso na Residência Multiprofissional em Saúde, que se dá via o Exame Nacional de Residência (Enare)⁶. A residência é uma espécie de estágio que prepara profissionais da saúde para atuarem no Sistema Único de Saúde (SUS). O programa garante experiência e certificação profissional de excelência, explica Gabriella.

Enquanto todas essas ideias são gestadas, a jovem psicóloga segue morando com os pais, uma professora e um militar, ambos aposentados, além de uma irmã e um irmão. Ao todo, o casal teve quatro filhos, mas a irmã mais velha de Gabriella já se casou e foi morar com a nova família.

⁶ Enare é uma avaliação realizada pela Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (Ebserh/MEC) e tem como objetivo oferecer mais oportunidades de vagas de residências das áreas médicas, multi e uniprofissional. Fonte: <https://www.gov.br/ebserh/pt-br/ensino-e-pesquisa/exame-nacional-de-residencia-enare>.

Refletindo sobre sua escolha profissional, Gabriella lembra que, ao completar o ensino médio, sofreu a conhecida pressão de ter que decidir qual profissão seguir por ocasião do Enem. Ela confessa que, naquela época, o que mais gostava de fazer era dormir. Que adorava sonhar e ficar pensando nos sonhos, em como os sonhos se formam e na ideia de inconsciente.

Embora a temática dos sonhos se apresente fortemente nos escritos de Freud sobre a psicanálise, Gabriella afirma, decidida, que não gosta da área. Ela conta, com certo orgulho, que foi através do interesse pelos sonhos que a sua vocação para a psicologia verdadeiramente despertou, definindo o que viria a ser de fato sua profissão.

Atualmente Gabriella faz atendimentos clínicos de psicologia nos formatos on-line e presencial, além de trabalhar em escolas por intermédio de um projeto voltado à inteligência emocional. Ela diz que segue torcendo pelo sucesso de Enzo e afirma que a passagem do namorado pelo JCC não será esquecida, pois ficará marcada na trajetória e na memória de estudos do futuro fonoaudiólogo e esposo.





ANDREZA LOPES

uma história
que só aumenta
a minha força



Andreza nasceu em Campinho, bairro da Zona Norte do município do Rio de Janeiro, situado a aproximadamente 21 km do centro da cidade, mas ela faz questão de dizer que suas raízes também estão plantadas no estado do Rio Grande do Sul, na cidade de Farroupilha, onde passou a infância.

Essa carioca-gaúcha de 28 anos está entre os 100 estudantes universitários selecionados para integrar o Projeto Jovens Cientistas Cariocas (JCC). Ela estuda Gestão de Recursos Humanos no Centro Universitário Augusto Motta (Unisuam) e também é estudante da Língua Brasileira de Sinais (Libras) no Senac de Madureira.

A proposta apresentada por ela ao JCC já vinha sendo desenvolvida na faculdade. Trata-se de uma iniciativa de aprendizagem nomeada “Descobrimo a Libras através da música”. Andreza explica que a ideia é usar a música para o aprendizado da Libras por meio de uma abordagem criativa, interativa e dinâmica. Nas atividades que propõe, a música é aplicada como ferramenta de socialização, integração e também difusão da cultura surda.

Andreza é filha única e conta que foi para o Sul com a avó quando tinha 2 anos de idade, devido a depressão pós-parto sofrida por sua mãe. Lá ela permaneceu até os 8 anos. Sua avó, Dona Gutardina, é uma autêntica gaúcha do município de Vacaria e teve um papel fundamental na sua criação.

Atualmente Andreza mora em Realengo, bairro da Zona Oeste do Rio de Janeiro. Dona Gutardina continua ao seu lado, dividindo a moradia. Os seus pais, José Luiz e Andreia, faleceram em decorrência da covid-19 durante a pandemia. Apesar de ter sido uma etapa difícil, que ainda precisa ser superada, Andreza diz que é precisamente da memória de seus parentes mais queridos que retira energia para seguir vivendo.

“Hoje o que me dá muita força é justamente a memória de meus pais... de saber que existe um legado e que a gente precisa levar em frente a nossa história... Isso é o que me dá bastante força e motivação, saber que preciso manter viva a memória dos meus pais, e do meu avô também, que nesse período também faleceu. Foram três pessoas da nossa família, assim, de uma forma bem brusca, em menos de um ano.”

Dentre as variadas influências que recebeu ao ser criada pela avó, Andreza destaca o gosto pela música clássica. Ela diz que sua avó sempre gostou de ouvir música e que aprecia muito a música italiana, por exemplo. Tudo isso foi, aos poucos, incentivando sua entrada no universo musical.

Andreza estudou flauta doce, passou pelo clarinete e hoje toca violino na Excelso, uma orquestra pertencente à Assembleia de Deus Canrobert, igreja evangélica que frequenta. Ela conta que foi justamente em um projeto social da igreja que seu primeiro contato com um instrumento musical aconteceu.

Embora o gosto pela música clássica seja atribuído ao contato com a avó, não foi só da Dona Gutardina que Andreza obteve influências musicais. Seu pai também era músico: ele tocava trompete. Os dois tocavam juntos na orquestra da igreja. Andreza descreve o pai como uma pessoa tímida. Diz que a música foi uma forma que ele encontrou para se expressar, colocar para fora seus sentimentos e interagir com as pessoas. Além do pai, Francisco, seu tio, e Alessandra, sua prima, também são músicos. Ele toca trombone e ela clarinete, todos na mesma orquestra.

“A minha vida é mesmo bem musical, né? Nos meus estudos eu costumo colocar sempre um fundo de música. A música para mim, assim como também a literatura, é uma forma de eu poder expressar meus sentimentos e tocar as pessoas... no próprio Rio Grande do Sul mesmo, eu sempre recebi essa influência cultural, da literatura, da poesia, da dramatização, né?”

Além de violinista, universitária e estudante de Libras, Andreza também escreve poesias, algumas delas publicadas em antologias e concursos literários. No rasto de tantas ações criativas, essa multifacetada artista defende a pesquisa desenvolvida junto ao JCC como um ato de amor e respeito ao próximo.

Andreza conta que sempre procurou formas de impactar a vida das pessoas. Diz que isso tem muito a ver com ela e também com sua área de estudos em Recursos Humanos. Assim, por meio de sua pesquisa, ela se esforça para que a “inclusão” seja abordada de modo mais natural e menos burocrático.

Ela conta que um dia estava em casa fazendo faxina e, ao fazer uma pausa para descansar, pegou o celular e viu nas redes sociais a chamada para o JCC. O texto perguntava como o estudante gostaria de impactar seu território. Ela não teve dúvidas: aquela era a oportunidade que faltava para colocar em prática o que já vinha pensando em fazer. Então enviou uma proposta e foi selecionada.

No âmbito da Jornada Formativa oferecida pelo JCC, a fase da pesquisa de campo foi a mais marcante para Andreza. Nessa etapa, ela pôde experimentar sua pesquisa junto a uma família da Vila Kennedy, bairro situado a 19 km da Nave do Conhecimento de Madureira, lugar onde aconteciam as aulas presenciais do projeto.

Ela foi recebida pela família de Priscila, uma amiga da faculdade que abriu as portas da própria casa para que a pesquisa pudesse ser experimentada. Todos os presentes participaram da atividade: a amiga e seus dois filhos (uma criança e um adolescente), além da mãe de Priscila, uma senhora. A música escolhida foi *É preciso saber viver*, lançada em 1974 por Roberto Carlos e regravada em 1998 pela banda de rock Titãs.



Andreza destaca que a pesquisa de campo do JCC foi fundamental para fazê-la enxergar, na prática, uma potência que ela mesma não tinha percebido em sua proposta. Talvez pela linguagem universal que possui, a música tenha o poder de alcançar indistintamente todas as idades. Andreza observa que todos foram capazes de assimilar o aprendizado da Libras, mesmo estando ali com propósitos diferentes.

A filha mais nova de Priscila, Luísa, com apenas 7 anos de idade, disse que se interessava em aprender Libras porque queria conversar com uma amiga surda da escola dela. A mãe da amiga mostrou interesse em participar porque a aproximação com pessoas surdas, além de importante, é uma urgência social. Andreza conta que a atividade fez essa senhora lembrar de muitas passagens da própria vida, resgatando muitas memórias.

Assim, por meio da pesquisa de campo do JCC, Andreza aprendeu que sua proposta, inicialmente pensada para crianças, podia alcançar também outras faixas etárias. A experiência com a família de Vila Kennedy a fez entender que sua investigação tinha potencial para impactar um público ainda mais amplo na direção do universo da Libras.

O protótipo da pesquisa a ensinou que a aprendizagem pode se dar independentemente da intencionalidade inicial dos participantes, seja pelo aprendizado propriamente dito ou por questões de socialização, seja pela superação de questões pessoais e resgate de memórias ou até mesmo como processo terapêutico... O que importa, observa Andreza, é que ao final, e de forma muito leve, todos aprendem um pouco de Libras.

“Quando cheguei no JCC, realmente era um sonho escrito no papel... Eu olhava assim e via até com uma certa distância, né? ‘Nossa, como eu vou atingir isso...’ Um olhar até de incapacidade, né? [...] Eu estava iniciando a faculdade, no segundo módulo básico de Libras. Eu não sou uma pessoa, assim, fluente... Eu ainda tenho algumas barreiras na língua... Ainda estou aprendendo... E, de repente, como assim?”

Me ver ensinando outras pessoas, né? Então no JCC eu vi essa rede de apoio, e a cada encontro eu fui vendo, através dos palestrantes, através da própria equipe mesmo, **temáticas que foram fortalecendo o meu projeto, trazendo ferramentas, trazendo instruções de como amadurecer a partir da prototipação...** Foi como se fosse um processo mesmo de metamorfose, posso dizer assim, né? **Eu cheguei ali como uma lagartinha, recebendo todo esse fortalecimento, esse processo... Cheguei ali no casulo, e de repente agora, nesse momento, virar uma borboleta [...].**

Na minha visão era só um sonho num papel e ver isso se concretizando é algo indescritível. Então o processo do JCC foi amadurecendo e sendo justamente esse trampolim pro nosso sonho realmente saltar e tomar o mundo."

Voltando ao início de tudo, Andreza explica que a proposta do trabalho com Libras nasceu na faculdade de Gestão de Recursos Humanos, embora o curso de Libras aconteça em outro lugar. Ao entrar para a faculdade, os alunos passam obrigatoriamente por uma atividade chamada Ambientação de Extensão. A ideia é que o recém-chegado estudante entenda os propósitos da extensão universitária.

Nesse contexto, ao final da atividade, todos precisam escrever uma proposta resumida de intervenção e melhorias para o bairro onde moram. Trata-se, contudo, de uma proposição teórica, que não exige realização prática. Andreza escreveu sobre o impacto do aprendizado de Libras em seu bairro, um desejo de melhoria que já vinha "transbordando em seu coração". Quando soube do JCC, ela amadureceu essa mesma proposta e se inscreveu no projeto. Lá, ela conseguiria enfim colocá-la em prática.

A possibilidade de experimentar na realidade ideias que quase sempre ficam presas em um papel parece ser o grande diferencial apresentado pelo JCC. Nele, o desenvolvimento da pesquisa proposta por Andreza, por mais incipiente que tenha sido, parece mesmo ter aberto um novo e gigantesco caminho à frente das ideias pensadas pela jovem cientista.

Paradoxalmente, a vida de Andreza começa a ganhar mais sentido quando nada mais parecia fazer sentido. Ela se emociona ao lembrar que foi exatamente na pandemia, quando o avô ficou internado seis meses antes de morrer, que se viu na condição de pensar como ficaria a vida a partir daquela situação. Era madrugada, e Andreza estava como acompanhante de seu avô no hospital quando veio à cabeça a ideia de voltar a estudar. Seu pai e sua mãe tinham falecido meses antes e tudo se mostrava muito difícil naquele momento. Porém, foi aí que, de certo modo, tudo (re)começou.

Pode-se dizer que é precisamente a partir desse ponto da história de Andreza que uma nova estrada começa a ser pavimentada em sua vida. Nessa rota, ela faz questão de destacar o apoio que recebeu de projetos sociais e políticas públicas, tais como o vestibular solidário, bolsas de estudo, cursos e oportunidades de formação – como é o caso recente do JCC.

“Eu gosto muito de enaltecer isso, a questão das políticas públicas, que muitas das vezes as pessoas não dão muita importância, mas realmente é uma porta de entrada para muitas pessoas poderem dar aquele salto, aquele *up*.”

Ao contar sua história, Andreza fala de experiências que impactaram fortemente sua vida e que lhe dão força e motivação para querer impactar também a vida de outras pessoas. É isso que ela decididamente afirma querer fazer daqui para frente.

“Isso me faz agarrar essa oportunidade ainda mais... com outros olhares, né? Com muito mais determinação... Olhando pro passado, pros nossos familiares... Pensando na história que a gente tá vivendo... e no que a gente pode ainda impactar na nossa vida e, conseqüentemente, na vida de outras pessoas.”



DAVID ROCHA
de motocicleta
a gente chega
mais rápido



David, 24 anos, morador de Vista Alegre e estudante de Engenharia Mecânica, é um dos cem jovens selecionados para o Projeto Jovens Cientistas Cariocas (JCC).

David nasceu no município de Duque de Caxias, localizado na Baixada Fluminense, região metropolitana da cidade do Rio de Janeiro. Ele estuda no Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET-RJ), no município de Nova Iguaçu, também localizado na Baixada Fluminense. Sua residência, contudo, fica no bairro de Vista Alegre, situado na região da Leopoldina, Zona Norte da cidade do Rio. David diz que somando ida e volta de sua casa até onde estuda dá mais de 40 km, percurso que faz todos os dias em sua motocicleta.

No âmbito de seus estudos na engenharia, David diz se interessar por mobilidade elétrica. Desde muito novo, conta que se sentia atraído por eletrônica e por mecânica.

“Desde pequeno eu faço essas coisas... monto, desmonto... Às vezes quebro e não consigo remontar de novo... Então desde sempre sabia que seria alguma coisa ligada a essa parte da tecnologia.”

O interesse de David em tecnologia também se deve a uma certa coincidência familiar. Ele diz ser sobrinho de um inventor importante, Manuel Pinto Gaspar, um tio distante, de origem portuguesa, que concorreu com Alberto Santos Dumont no início do século XX.

No site do Instituto Nacional de Propriedade Intelectual (INPI), dentre algumas invenções registradas por Manoel Gaspar, consta o Item 15943: um aparelho denominado *viajante ciroco systema gaspar*, destinado a ventilar os carros de estradas de ferro sem que os passageiros sofram o incômodo da poeira e da fumaça.

Durante a Jornada Formativa do JCC, por ocasião da palestra realizada pelo engenheiro Ricardo Carvalho, professor do INPI, David pôde ver a patente da invenção criada pelo seu tio no site do Instituto. “Foi muito bacana”, observa David. Ele destaca que, no registro da patente, consta a assinatura do então presidente da república do Brasil, Epitácio Pessoa.

David diz que encontrar uma patente antiga de sua família já valeu o ingresso no JCC. Em sua infância, conta que gostava de inventar brinquedos. Seria a invenção uma característica genética? A proposta apresentada por David ao JCC não deixa de ser um invento: algo que pode ter patente. Ele afirma não conhecer nada semelhante no Brasil.

Sua ideia consiste em usar dois motores elétricos em uma mesma bicicleta, um em cada roda. Segundo David, a maior parte das bicicletas usa apenas um motor na roda traseira. O uso de dois motores, entre outros benefícios, aumenta a capacidade de uso das bicicletas. O jovem estudante argumenta que em lugares com terrenos irregulares e íngremes, por exemplo, ou em cidades como o Rio de Janeiro, cuja topografia é formada por ladeiras e morros, a solução parece perfeita.

O motor que será aplicado na bicicleta é o mesmo utilizado nos *hoverboards* (popularmente conhecido como skates elétricos). A questão é que, para fixar o motor na estrutura da bicicleta, foi preciso desenvolver um novo modelo de eixo para a roda, adaptado à nova performance do veículo. Desenvolver o protótipo desse eixo foi o objeto de estudos de David em sua passagem pelo JCC.

Para chegar à etapa de fabricação do protótipo, foi preciso antes estudar a ciência dos materiais. David precisava entender não somente como o novo eixo seria desenvolvido, mas também quais tipos de forças estariam implicadas naquele sistema, ou qual tipo de material seria mais adequado ao processo. De acordo com o jovem cientista, são muitas as questões e os desafios envolvendo um projeto de engenharia mecânica.

A ideia da bicicleta de dois motores, apresentada por David ao JCC, teve início na passagem do jovem estudante pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), no CEFET. Ele conta que, nessa fase, foi preciso fazer muitos cálculos, considerando amplos fatores de segurança. Trata-se de um investimento que exigiu muito tempo e muito trabalho para, ao final, David descobrir que qualquer tipo de aço poderia ser utilizado na fabricação do novo eixo. De seu orientador de iniciação científica (IC), o rapaz diz ter ouvido a seguinte frase: “Foi bom porque assim você aprendeu”.

A pesquisa de David revela procedimentos complexos em sua fatura. A proposta do futuro engenheiro não é algo que se resolve de uma hora para outra. Tal como acontece em outros projetos das engenharias, o invento de David também precisa de alguns anos para ser concluído.

Nesse sentido, o tempo previsto para a Jornada Formativa do JCC foi suficiente para que ele se concentrasse em apenas duas etapas da sua pesquisa: a manufatura do eixo da roda e um estudo de eletrônica, a fim de entender melhor os controles do motor. Toda a parte de cálculo, como dito, foi desenvolvida no CEFET, com o orientador de IC, em uma etapa anterior ao JCC.

David conta que o JCC chegou na sua vida no momento em que estava prestes a seguir para um intercâmbio na Europa. Ele havia sido aprovado para o *International Summer School (ISS)*, na Universidade da Coruña, Espanha, onde havia conquistado uma bolsa de estudos integral para o curso. Porém, os gastos com passagem aérea e parte do valor da taxa de aplicação precisavam ser pagos por ele. Sem conseguir tal dinheiro, David foi obrigado a desistir da viagem.

Foi nesse momento que o JCC se apresentou como um novo destino em seu caminho e o jovem estudante decidiu experimentar essa “outra viagem”. Para David, a entrada no projeto possibilitou outras coisas boas, como a continuidade da pesquisa que tinha começado no CEFET. Ele conta que usou o dinheiro da bolsa de estudos oferecida pelo JCC para financiar a fabricação do novo eixo (um protótipo), e ainda conseguiu montar um computador para executar os testes.

A iniciativa científica de David é cara e de difícil execução, uma vez que exige recursos financeiros para concretizar etapas importantes em seu processo de desenvolvimento. Esse foi um ponto que desestabilizou o jovem cientista na etapa de apresentação das pesquisas para as bancas de avaliação do JCC. Ele diz que ficou um pouco tenso ao expor seu trabalho, justamente porque não tinha tudo pronto para mostrar. Foi preciso



deter-se mais na esfera teórica da ideia. Ainda assim, ele afirma que ficou feliz pois a banca conseguiu entender o valor da sua pesquisa. Havia dois engenheiros dentre os avaliadores e, de acordo com David, um engenheiro sabe muito bem a dificuldade que é desenvolver um projeto de mecânica.

Assim, pode-se dizer que a parte teórica da pesquisa de David foi desenvolvida no CEFET, enquanto os avanços na parte prática foram proporcionados pela sua participação no JCC.

Durante a Jornada Formativa, o projeto oferece uma mentoria aos jovens pesquisadores. No caso de David, o estudo foi acompanhado por uma professora da Universidade Federal do Paraná (UFPR), uma engenheira naval. Foi com ela que ele resolveu questões ligadas ao material que seria usado na manufatura do eixo. Desse modo, foi possível fabricar a peça, avançar numa etapa prática da pesquisa e ter em mãos um protótipo do eixo para a sustentação dos motores da bicicleta.

David relata a experiência do JCC com empolgação. Ele relembra os passeios e eventos programados durante a formação. Diz que foram marcantes. As dinâmicas de grupo executadas pela equipe também são destacadas positivamente por ele. Elas tinham o objetivo de desenvolver as chamadas *soft skills* e auxiliar no gerenciamento de projetos.

“As dinâmicas foram algo bem forte... e também os encontros que a gente fez por fora. Por exemplo, eles mandaram a gente para um evento da semana de Meio Ambiente, que aconteceu no Museu do Amanhã. Foi bem bacana. Teve mostra de filmes indígenas. Havia alguns indígenas lá também, oficinas da floresta.”

Outro evento marcante destacado por David foi o *Futures Town Hall*, realizado no IMPA Tech, Porto Maravalle, organizado pelo Observatório Internacional da Juventude, o Instituto Igarapé e a Fundação das Nações Unidas (UNF). Ele ressalta a oportunidade de conversar com pessoas ligadas à Organização das Nações Unidas (ONU), como foi o caso da ativista climática indiana Prachi Shevgaonkar, além da embaixadora da Suécia, Karin Wallensteen.

Ele diz que foi divertido e que pôde gastar um pouquinho do seu inglês com elas. Com a ativista, a conversa girou em torno das marcas e montadoras de motocicletas indianas, uma paixão de David. Ele também pôde falar com a embaixadora sobre o seu interesse nos reis da Suécia, tidos por David como heróis que fizeram o país ser o que é hoje. Conversaram ainda sobre a *Livgardet* (guarda real sueca) e sobre a sua admiração pela rainha Sílvia, militante na luta contra a exploração sexual infantil.

A conversa rendeu, e David ainda encontrou tempo para recomendar alguns lugares do Rio de Janeiro para Karin e Prachi visitarem antes de voltarem aos seus países. Ele destaca que Prachi desenvolveu um aplicativo para ações climáticas chamado *Cool The Globe*. O *app* dimensiona a quantidade de gases de efeito estufa emitidos pelos usuários em suas ações cotidianas e permite que cada um defina metas mensais e anuais para reduzir suas emissões. David ressalta a importância de pensar a questão ambiental no mundo atual e diz que isso tem fortes ligações com a sua pesquisa.

“O que eu faço é transição energética. Na engenharia é otimização, mas é também uma preocupação ambiental, um fator que está muito em alta por conta disso.”

David conta que Karin perguntou se ele era estudante de história, dado o conhecimento que expôs sobre a cultura sueca. Porém, como os processos das juventudes são sempre surpreendentes, o estudante de engenharia respondeu que parte das informações que tem sobre a Suécia vem das letras de música de uma banda sueca de rock que ele gosta de ouvir, chamada Sabaton.

A pesquisa iniciada por David na IC do CEFET e prototipada por ele na Jornada Formativa do JCC se desenvolve com base em seu interesse por mobilidade elétrica, como visto. A origem de tudo, entretanto, decorre de sua atração pela Fórmula E, categoria do automobilismo que usa carros exclusivamente elétricos, organizada pela Federação Internacional de Automobilismo (FIA).

Tal atração se consolidou quando David integrava uma equipe da Fórmula SAE⁷ e foi selecionado pela própria SAE, e pela Mahindra (empresa automobilística indiana), para assistir a uma corrida de Fórmula E, em São Paulo. Ele também participou de um workshop oferecido pelo evento. “Foi uma experiência fantástica”, conta.

7 Fórmula SAE é uma competição estudantil organizada pela Society of Automotive Engineers (SAE).

Além de ver os carros, foi possível observar de perto as baterias, elemento que hoje é muito importante para o desenvolvimento da pesquisa de David: “São coisas que eu nunca ia ver numa universidade... Cada bateria daquela custa dois milhões de dólares. É um negócio impensável”. David relata que foi dessa experiência que veio a vontade de dar continuidade a sua pesquisa e arriscar uma oportunidade no JCC. Ao que tudo indica, a intuição valeu a pena.

“Eu nunca imaginei que eu ia tocar um projeto, inventar as coisas no meio de tanta gente interessante, com tantas ideias distintas, tanta gente importante também... e ter um projeto patrocinado... Era difícil de imaginar isso aí, entende?”

Como se vê, a “outra” viagem que o destino ofereceu a David aconteceu sem que ele precisasse atravessar um oceano para conhecer outros mundos. Sem sair do lugar onde estava, David estabeleceu contatos até mesmo internacionais. Como ele próprio diz, são muitas as oportunidades que o JCC oferece. O projeto faz circular informações e saberes, promove a criação de redes solidárias e coloca em contato mundos distintos.

São múltiplos os encontros promovidos pelo JCC. É na experiência do “encontro” que algo de essencial efetivamente se revela e faz desse projeto uma iniciativa de impacto. A ação de promover encontros (com pessoas, pensamentos, arquiteturas, leis, contradições, objetos, histórias) parece provida de um elemento transformador, que não se mostra evidente na própria ação, mas está ali presente nela o tempo todo, conformando as sutilezas, borrões e entrelinhas da trama que o projeto tece.

Um exemplo disso se encontra na própria história de David. Ao falar sobre o que mais lhe chamou a atenção no projeto, destaca a diversidade entre os pontos de vista apresentados pelos estudantes. “Isso foi fantástico”, ele diz. Pessoas com visões e experiências muito distintas se encontraram e conversaram sobre suas pesquisas durante o projeto.



Como estudante de engenharia, David cita o fato de não estar acostumado a conviver, por exemplo, com estudantes da área do Serviço Social, e diz que isso foi impactante porque esse contato o fez enxergar a importância de pensar questões do campo social em seu trabalho.

“Quando a gente vai fazer algum projeto de engenharia, a gente pensa primeiramente na funcionalidade, na segurança... se aquilo é seguro, no custo, se é comercial... mas a gente não pensa na questão social. Esse foi o pilar que me fez pensar... como os projetos impactam as camadas sociais distintas... Quando eu fui propor o meu projeto pro CEFET, eu não tive que escrever no edital, por exemplo, que era um veículo de baixo custo, acessível a camadas sociais mais

baixas. No CIEDS eu já tive que pensar: ‘Como é que isso vai ficar com o mais baixo custo possível pra ser acessível ao proletariado? Crianças poderiam usar isso pra poder ir e voltar da escola?’”

O que parece (extra)ordinário no JCC é que, embora o projeto ofereça a estudantes universitários uma experiência desenvolvida no âmbito de seus domínios de estudo e pesquisa, o impacto da aprendizagem se manifesta quase sempre entre eles e elas a partir do contato que fazem com domínios científicos alheios.

Talvez seja este o elemento transformador que habita a experiência do “encontro” no JCC, esse algo que se aprende fora do plano de aprendizagem, ou seja, algo que de forma imprevisível intervém significativamente no domínio do conhecimento previsto, transformando tudo o que havia sido pensado até ali em algo ainda mais especial.



FREDERICO BUSCH

porque origem é
coisa que não se
perde de vista

Frederico José de Moura Busch tem 58 anos de idade, é advogado, casado com Jacqueline, enfermeira, e pai de Victor, estudante de Comunicação Social. Ele é o coordenador da Nave do Conhecimento de Padre Miguel, que fica na Zona Oeste do município do Rio de Janeiro. Frederico nasceu em Vila Isabel, bairro do compositor Noel Rosa, mas atualmente mora na Vila da Penha, que fica na região da Leopoldina, área histórica da Zona Norte carioca.

A Nave do Conhecimento⁹ de Padre Miguel, coordenada por Frederico, faz parte da rede municipal de Naves, situadas em bairros das zonas Norte e Oeste da cidade do Rio. As Naves tornaram-se a base dos encontros presenciais do Projeto Jovens Cientistas Cariocas (JCC). Durante os primeiros encontros, Frederico coordenava a Nave do Irajá. Foi lá que ele entrou em contato pela primeira vez com a equipe, convidados e estudantes do JCC.

“O positivo do projeto é o fato das pessoas que participam estarem na Nave apresentando um projeto para o território... Você trazer pra dentro da comunidade de Padre Miguel e entorno pessoas que estão pensando políticas públicas para o território é muito positivo... Não sei se todos são moradores ou se moram próximo, mas estão ali debruçados numa questão referente àquele espaço.

É positivo para todos nós, porque contribui até mesmo para avançar no nosso trabalho, trazendo novos ares, novas formas de pensar, métodos científicos, pessoas envolvidas no mundo acadêmico para dentro do pensamento da Nave... Só tem a acrescentar para todos nós.”

Esse advogado e coordenador de um dos espaços públicos mais bem equipados na área de ciência e tecnologia do Rio de Janeiro diz que quando era criança pensava que ciência era o trabalho de quem usava tubos de ensaio em laboratórios. Ele conta que não podia imaginar que um dia ocuparia uma posição como a sua, sobretudo no âmbito da contribuição social que as Naves oferecem.

Frederico conta que nasceu de uma família simples. Por parte da família materna, ele é um dos primeiros a obter formação em nível superior. A avó materna morava no interior de São Paulo, ficou viúva aos sete meses de gravidez, com sete filhos e criou todos sozinha. Os avós paternos também tiveram pouco acesso à escola. O pai estudou até o “segundo grau” (atual ensino médio), e a mãe parou de estudar na oitava série, aos 14 anos de idade, porque o avô entendeu que ela precisava “aprender a ser dona de casa”.

O avô materno de Frederico nasceu no interior do estado de Minas Gerais e, de acordo com o advogado, era recorrente a avô escutar da mãe dela a seguinte frase: “Vai dormir, que a fome passa”. A escassez de comida é uma experiência que está na base de sua história familiar. Contudo, nem de longe isso é contado por Frederico de forma demagógica ou dramática. Ao contrário, sua exposição reafirma o orgulho que sente junto ao trabalho que faz.

Ele próprio não viveu as mesmas dificuldades. Embora a vida não tenha sido fácil, ele afirma que o seu contexto familiar quando criança sempre foi de classe média. Frederico teve acesso a estudo e diz que nunca precisou trabalhar para ajudar os pais.

A possibilidade de escolha sempre foi uma prioridade na educação que recebeu de seus pais. Foi desse modo que ele próprio decidiu pelo curso de Direito. Sua primeira faculdade foi Economia, mas, por circunstâncias da vida, precisou trancar a matrícula. Foi aí que o destino entrou em “modo reprogramar”, e escolheu se formar advogado.

“Nós não fomos criados pensando que o mundo é cor-de-rosa, a gente sabia exatamente das coisas que aconteciam... Quando a situação ficava pior, a gente sabia que tinha que apertar o cinto, sabia que cada um tinha que fazer a sua função... Mas nunca houve essa cobrança de ‘ah, você vai ser porque eu não pude ser...’. A gente foi criado para ter o melhor que a gente podia ter na nossa vida.”



É com base nessa formação familiar e experiência de vida que Frederico pilota atualmente a Nave que se encontra aterrizada no bairro de Padre Miguel. Ele se sente realizado com o trabalho que faz porque consegue contribuir com o acesso de muitas pessoas a possibilidades de mundo antes impensadas por elas. Segundo diz, esse é o seu papel como agente público.

Com a chegada do JCC na Nave, Frederico observa que tais oportunidades de ampliar o acesso a outros mundos tornou-se ainda mais consistente. Muitos dos jovens que se inscreveram no projeto já frequentavam as Naves, e alguns deles foram selecionados.

“Eu dou muito valor a essa questão, porque a gente que batalhou para chegar onde chegou sabe a dificuldade que o jovem tem durante seus estudos. Eu me vejo neles quando eu estou ali... Alguns ali tem uma situação tranquila, mas eu compreendo a angústia de muitos, porque eu sei o quanto algumas famílias questionam: ‘Vai fazer faculdade pra quê? Isso não dá emprego. Você não vai conseguir trabalho...’. Aí eu vejo o quanto aquele jovem também se sente pressionado: ‘A faculdade vai acabar e eu vou fazer o quê?’. Eu vejo o quanto é difícil – e ao mesmo tempo o quanto é enriquecedor – esse jovem vencer.”

Frederico conta que prestou muita atenção na variedade das pesquisas apresentadas pelos participantes do JCC na etapa das bancas de avaliação. Ele se diz atento a tudo o que acontece na Nave porque muitas ações podem se tornar parte integrante da programação oferecida pelo espaço. No âmbito da apresentação dos jovens cientistas, Frederico relata ter visto algumas pesquisas muito interessantes para serem reaplicadas junto ao público mais amplo que frequenta a Nave.

Ele destaca uma pesquisa voltada às questões do meio ambiente, a qual propõe a confecção de absorventes femininos reutilizáveis feitos por um coletivo de mulheres empreendedoras. Trata-se da proposta apresentada pela jovem Ana Beatriz das Chagas Xavier, intitulada “Absorventes reutilizáveis e meio ambiente”.

Frederico avalia que essa proposta pode ser muito bem acolhida pelas pessoas que habitam o território de Padre Miguel, sobretudo no que se refere ao caráter do empreendedorismo.

No contexto das práticas desenvolvidas pelo JCC, Frederico assevera que só o fato do projeto trazer a ciência para dentro do território já é suficiente para produzir um impacto sem medidas. A circulação de jovens universitários pela Nave é muito significativa, pois pode ajudar um adolescente do território

a entender que a ciência não está tão longe e que também existe para ele como possibilidade. Isso significa dizer que ele “também pode!” (acessar a ciência e outras esferas, se desejar).

Frederico destaca ainda que parte dos estudantes universitários do JCC foram alunos da Nave em algum dos cursos oferecidos. Ele lembra da apresentação de uma jovem que propôs uma pesquisa para o desenvolvimento de uma moeda social vinculada ao uso da Nave do Conhecimento. Trata-se da proposta apresentada pela jovem Ana Eduarda Teixeira Seixas de Azevedo, intitulada “Criação de moeda social digital para utilização dos alunos da Nave do Conhecimento de Padre Miguel”.

Ana é ex-aluna da Nave, e Frederico ressalta o quanto é importante para os adolescentes da região perceberem que aquela futura cientista tem origem, como eles, no território.



“Eu vi muitas apresentações envolvendo questões climáticas... foram vários os temas trazidos... E eu acho que isso é muito importante: a gente trazer para dentro do território pessoas que são de lá e que sabem das dificuldades que o território passa.”

Pensando na relação entre ciência e território proposta pelo JCC, Frederico gosta da ideia das Naves funcionarem também como polos avançados das universidades. Além do que já representam para os territórios, elas poderiam se tornar uma espécie de centro das extensões universitárias. Ele acha importante a existência de um espaço de convergência de pensamentos, pesquisas e experimentações em um lugar próximo (e aberto) às comunidades do entorno.

Frederico revela que o trabalho na Nave propicia situações muito marcantes. São vários os momentos em que isso acontece. São passagens que parecem banais para algumas pessoas, mas se mostram libertadoras para outras. Ele se diz tocado por esses momentos. Testemunhar situações de “apropriação” e “pertencimento” estampadas no olhar de um adolescente ou se deparar com a expressão de liberdade no rosto de um idoso que aprendeu a usar um “mouse” junto ao computador são experiências inesquecíveis do cotidiano vivido por lá.

“A nave é um espaço extremamente democrático.

Você tem, no espaço de uma lantable, uma pessoa em situação de rua sentada, se sentindo pertencente àquele universo; VOCÊ tem o adolescente, que está ali; você tem o idoso; você tem pessoas com diversos níveis, expectativas e histórias de vida.”

Há em Frederico uma alegria manifesta quando o assunto Nave do Conhecimento. É bem provável que ele também enfrente momentos desafiadores na Nave em que coordena, desses que colocam qualquer alegria em suspensão. O que Frederico declara, contudo, é que as ações da Nave estão alinhadas ao que ele sempre acreditou na vida, refletindo suas origens e a defesa dos direitos humanos e da igualdade entre todas as pessoas. Segundo Frederico, a Nave é um espaço seguro, onde é possível avançar na direção da garantia de direitos e de um atendimento de qualidade para quem chegar.

A portrait of Isabela Gonçalves, a woman with a large, voluminous afro hairstyle, smiling warmly. She is wearing a white tank top. On her left shoulder, there is a tattoo of the African continent. The background is a blurred orange and white banner with some text and icons. A thick, wavy blue line curves across the image, framing the woman and the text.

**ISABELA
GONÇALVES**
ativando o cultural
para mobilizar
o social

Isabela é Isa, Isa da Firmeza. É assim que todos conhecem essa paulista, de 24 anos, nascida na cidade de Campinas e atual moradora do Rio de Janeiro.

Faz cinco anos que Isa veio para o Rio. Atualmente ela mora na Zona Sul, no bairro de Laranjeiras, a aproximadamente 5 km do centro da cidade. Antes disso, morou na Zona Norte, nos bairros de Madureira e Cascadura, além dos municípios de Japeri e Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, região metropolitana da cidade do Rio de Janeiro.

Isa da Firmeza é a atual coordenadora da Nave do Conhecimento¹⁰ da Penha, bairro tradicional da Zona Norte do município do Rio de Janeiro, pertencente à região da Leopoldina.

A Nave da Penha faz parte da rede municipal de Naves do Conhecimento, situadas em bairros das zonas Norte e Oeste da cidade. As Naves tornaram-se a base dos encontros presenciais do Jovens Cientistas Cariocas (JCC), e foi esse vínculo que aproximou Isa da experiência traçada pelo projeto.

Apesar da pouca idade, Isa é uma jovem que, além de coordenar um importante equipamento público, frequenta reuniões junto ao Governo Federal em Brasília, justamente pela sua íntima relação com

os processos das juventudes. Só em 2024 ela diz ter participado de quatro encontros por lá.

Isa recebe uma bolsa *Rise Up*, por meio da qual financia suas viagens ao Distrito Federal. Com base em um plano de trabalho apresentado por ela, a jovem participa de comissões, conversa com chefes de gabinetes, deputados e outras lideranças. Na última Conferência Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação (CNCTI), realizada junto ao Ministério da Indústria, Isa participou de dois importantes painéis, um sobre inteligência artificial e outro sobre fronteiras do trabalho e do conhecimento. Nesse contexto, ela teve a oportunidade de falar sobre a experiência que tem vivido junto aos jovens da Nave da Penha.

Isa é uma ativista social, e o seu trabalho na Nave tem tudo a ver com isso, sobretudo em uma Nave como a que coordena, situada em um território onde a vulnerabilidade social é marcante. Ela diz que vive uma luta diária para, junto aos usuários do espaço, fazer valer a ideia de que a comunidade precisa daquele equipamento público.

No âmbito do JCC, Isa relata ter feito o que pôde para engajar os usuários da Nave junto ao projeto. Ela ressalta que, em geral, vende-se a ideia de que o jovem primeiro deve passar cinco anos numa universidade para somente depois de formado aplicar o

que aprendeu, e então tentar um emprego, o qual geralmente começa com um estágio etc. Isa afirma que esse é um projeto impossível para o jovem que mora no território onde ela atua.

Isa defende que o futuro é agora, sobretudo quando o assunto é tecnologia. Afirma que o jovem não é o futuro, o jovem é o presente; e, se o jovem não começar a testar agora, não vai acontecer no futuro.

De acordo com os argumentos de Isa, os jovens precisam de condições de vida dignas garantidas no presente, a fim de que eles e elas permaneçam nas universidades ou projetos sociais com tranquilidade, para aí, sim, haver algum futuro.

Nesse sentido, Isa destaca como ponto positivo da proposta do JCC a ideia de levar o jovem estudante universitário de volta ao seu território para que pense e proponha soluções para problemas que ele conhece de perto. Trata-se, segundo ela, de uma abertura a outras formas de olhar para os próprios territórios.

“Teve uma garota [estudante de biologia do JCC] que falou assim: ‘Cara, eu vivo indo pra Zona Sul estudar uma planta e ela estava aqui, no meu nariz, e eu nasci aqui’. [...] Então eu acho que é isso, sabe? A gente, inclusive, até afirma isso com orgulho, tá ligado? Tipo, trabalha a autoestima do nosso território, manja? [...] Então eu acho que é sobre a gente reconhecer o que já existe... A molecada olhar pro que está estudando e visualizar [isso] no seu próprio território é muito único e muito bonito, sabe?”

Isa diz que na região da Nave da Penha tem muitos equipamentos públicos e a população depende muito desses espaços. Assim, sentir na prática o impacto causado pelas pesquisas desenvolvidas pelos estudantes do JCC é uma experiência muito importante para a população local. Isso permite que ela entenda e avalie a importância e o sentido da permanência de um espaço como a Nave e de um projeto como o JCC no território.

Em conversas com estudantes do JCC, Isa observou entre eles uma certa compreensão que situa as Naves como espaços de extensão das universidades. Ela defende tal entendimento como uma forma de empoderamento do território. Algo que atua na autoestima mesmo: um jovem-estudante-universitário-morador do território usando um equipamento do seu próprio bairro, um equipamento público, muito bem estruturado, para desenvolver uma ideia própria. Para Isa, isso não é pouca coisa. Sobretudo quando essa ideia atende a uma demanda da própria localidade.

No início do projeto, ela conta que os jovens mostraram-se muito inseguros com a entrega de suas propostas de pesquisa e com o uso do espaço, no sentido de desenvolver as operações que cada processo exigia. Ela lembra de vários momentos em que foi preciso fazer e refazer afirmações de liberdade

para que eles e elas ficassem mais à vontade sobre o uso da Nave. Isa relata ter vivido momentos semelhantes durante a vida, nos quais o acolhimento fora fundamental para garantir que seguisse em frente. Assim, aos poucos, ela foi escutando de cada um deles o seguinte retorno: “Obrigado pela confiança!”.

Isa atribui essa relação de identidade que aproxima os jovens estudantes do JCC e a jovem coordenadora da Nave ao fato de ela ser, conforme suas palavras, uma “mina, preta, que veio da periferia”. Em seu modo de pensar, a confiança de um cargo de coordenação a uma pessoa jovem como ela se justifica na potência positiva que tal intimidade com o território pode produzir. Em alguma medida, o que Isa faz é uma espécie de replicação da sua experiência em um território novo, escutando outras pessoas e realidades.

Isa diz gostar muito do que faz e também do universo que envolve mudanças tecnológicas – ainda mais quando é possível pensar tecnologia como direito social. Seu engajamento no campo social não é fruto de uma conversão: a jovem é formada por uma sólida história de ativismo político, herdada de seus pais, participantes assíduos da Pastoral Operária do PT (Partido dos Trabalhadores). Segundo ela, um movimento progressista vigoroso no âmbito das “quebradas paulistas”.





Sua mãe trabalhou 25 anos em uma padaria de Campinas, que faliu durante a pandemia. Seu pai é faxineiro e trabalha em vários empregos. Isa tem um irmão de 15 anos, que vive, conforme ela diz, a experiência “que um adolescente negro, de um metro e oitenta de altura, vive nesse país”. “É muito cruel”, ressalta Isa, angustiada. Além disso, ela tem outro irmão, de 9 anos, diagnosticado recentemente com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Apesar do processo que isso envolveu, Isa diz que ele tem recebido toda a assistência necessária. Conforme relata, sua família sempre foi “ratinho de programa social”, ou seja, sempre buscou apoio junto a projetos e programas sociais. Isso significa dizer que Isa vem de uma família que conhece os seus direitos e que a proximidade com atividades e ações sociais, como as oferecidas pelo programa das Naves e pelo projeto JCC, não é algo que “começou ontem”.

No rasto dessa história, Isa já passou por quatro faculdades incompletas: Midialogia, na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp); Produção Cultural, na Universidade Federal da Bahia (UFBA), Comunicação Social, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio); e a Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), também no Rio, onde atualmente cursa Administração. Tal itinerância, contudo,

não expressa uma inabilidade de Isa junto ao mundo acadêmico, mas sim o caráter libertário dessa jovem em relação ao conhecimento e ao que deseja fazer da vida.

Prova disso é que o chamado “bichinho da ciência” picou Isa muito antes dela entrar para a faculdade. Ainda no ensino fundamental, ela foi selecionada para uma bolsa de Iniciação Científica (IC), na Unicamp, em São Paulo. Trata-se de um programa piloto voltado a alunos da periferia que estudavam em escolas públicas do centro da cidade. Dentre um grupo de setenta estudantes, Isa ficou entre os dez que participariam do programa. Assim, com apenas 16 anos, ela publicou seu primeiro artigo científico em uma revista acadêmica.

Isa também participou ativamente das ocupações estudantis secundaristas, ocorridas em 2015, em São Paulo. Na ocasião, 209 escolas públicas foram ocupadas no estado, das quais 72 delas estiveram sob monitoramento e logística operados por Isa. Foi sobre o cruzamento dessa experiência com processos da educação comunitária que ela desenvolveu a sua pesquisa de IC e publicou o referido artigo.

É com base em toda essa história que Isa se sente motivada a defender com vigor a existência e a permanência da Nave que vem pilotando junto à comunidade da Penha. É sob esse mesmo contexto que ela também defende a continuidade do projeto JCC, visto que, como ela própria afirma, trata-se de uma proposta que representa grandes avanços para o funcionamento do espaço.

Isa insiste na importância da existência de equipamentos públicos nos territórios. Ela recorda que a conquista de escola, posto de saúde e creche para o bairro onde cresceu foi resultado de muita luta. A imagem de seus pais queimando pneus na avenida principal para reivindicar escola para a sua comunidade é algo que ela diz não esquecer. Isa defende que então é preciso preservar a Nave, o JCC e tudo mais até o fim, com muita Firmeza.

“É tipo assim, esses espaços são os maiores patrimônios das nossas comunidades, sabe? Então, eu cresci muito no nível de entender que a gente pra ser gente, e gente como eu, assim, pessoas negras, mulheres pretas, de periferia, a gente precisa estar na lista dos direitos. Meu pai sempre explicou isso: a gente tem negado o nosso direito básico porque eles querem tirar a nossa dignidade, e tirando a nossa dignidade a gente não é mais gente. É isso que a gente precisa entender [...].

Então eu cresci muito nesse contexto, de entender que os programas sociais e os direitos sociais básicos não só a gente tem que preservar, mas a gente tem que estar ali, monitorando, coordenando, porque senão é isso, os caras vêm aqui, desmontam, falam que fecham mesmo, e beijinho.”



**PRISCILA
ANTUNES**
quando a ciência
mora ao lado

Priscila tem 38 anos, é mãe da Luísa, de 7 anos, e do Natan, de 13 anos. Ela se diz “nascida e criada” na comunidade da Vila Kennedy, bairro onde mora até hoje, na Zona Oeste do município do Rio de Janeiro, localizado a aproximadamente 40 km do centro da cidade.

Uma das primeiras moradoras da comunidade foi sua mãe, que veio do morro do Pasmado. Priscila é filha de cozinheiros, mas confessa não gostar de cozinhar. Ela cresceu junto dos seus pais, além de um irmão mais novo e uma irmã adotiva, que tem hoje 50 anos. Quando tinha 13 anos, o pai foi viver com outra família e Priscila ganhou mais duas irmãs e um irmão, com os quais tem pouco contato.

Priscila é aluna da Universidade Augusto Motta (UNISUAM), localizada no bairro de Bangu, próximo ao local onde mora. Ela estuda Gestão de Recursos Humanos e é colega de turma de **Andreza Lopes**, uma das cem estudantes selecionadas para o Projeto Jovens Cientistas Cariocas (JCC).

As duas se conheceram na faculdade e foi assim que Priscila ficou sabendo da pesquisa que Andreza estava desenvolvendo junto ao JCC. A colega havia publicado um vídeo no grupo de WhatsApp dos alunos da UNISUAM, mostrando uma música interpretada na Língua Brasileira de Sinais (Libras).

Priscila conta que o vídeo chamou sua atenção porque dias antes tinha visto a filha tentando fazer os sinais da Libras a partir de um programa da televisão. Então mostrou o vídeo para ela e descobriu que a menina tinha uma amiga surda na escola. A pequena Luísa disse que gostaria de aprender Libras para conversar com a colega e se aproximar mais dela. Era daí que vinha o interesse da filha pela língua de sinais.

Priscila conversou então com a Andreza sobre o interesse de sua filha e decidiu abrir as portas da sua casa para que a colega experimentasse (na prática) o estudo que estava desenvolvendo.

A “pesquisa de campo” é uma etapa importante da Jornada Formativa do JCC. Nela, os estudantes experimentam nos territórios as suas propostas de investigação. Assim, o trabalho de “campo” da Andreza realizou-se na casa de Priscila. Embora tudo tenha começado pelo interesse da pequena Luísa, por fim toda a família decidiu participar: a mãe, a filha e o filho. De acordo com Priscila, todos gostaram muito.

“É um meio de inclusão, né? Porque ela aprendendo e estando numa sala de aula com uma professora que não tem muito conhecimento de Libras, ela pode ajudar, né? Ela pode interpretar para a colega... Eu não sabia, ela não tinha comentado... Ela sempre fala das coleguinhas dela e tal, mas ela não tinha comentado dessa colega surda... Vendo ela fazer os gestos foi que eu falei com a Andreza.”

A ideia de Priscila é continuar investindo no interesse que a filha tem pela Libras. Ela pensa na possibilidade de Luísa fazer aulas com a própria Andreza, ou mesmo convidar a colega de faculdade para dar uma palestra na escola de Luísa.

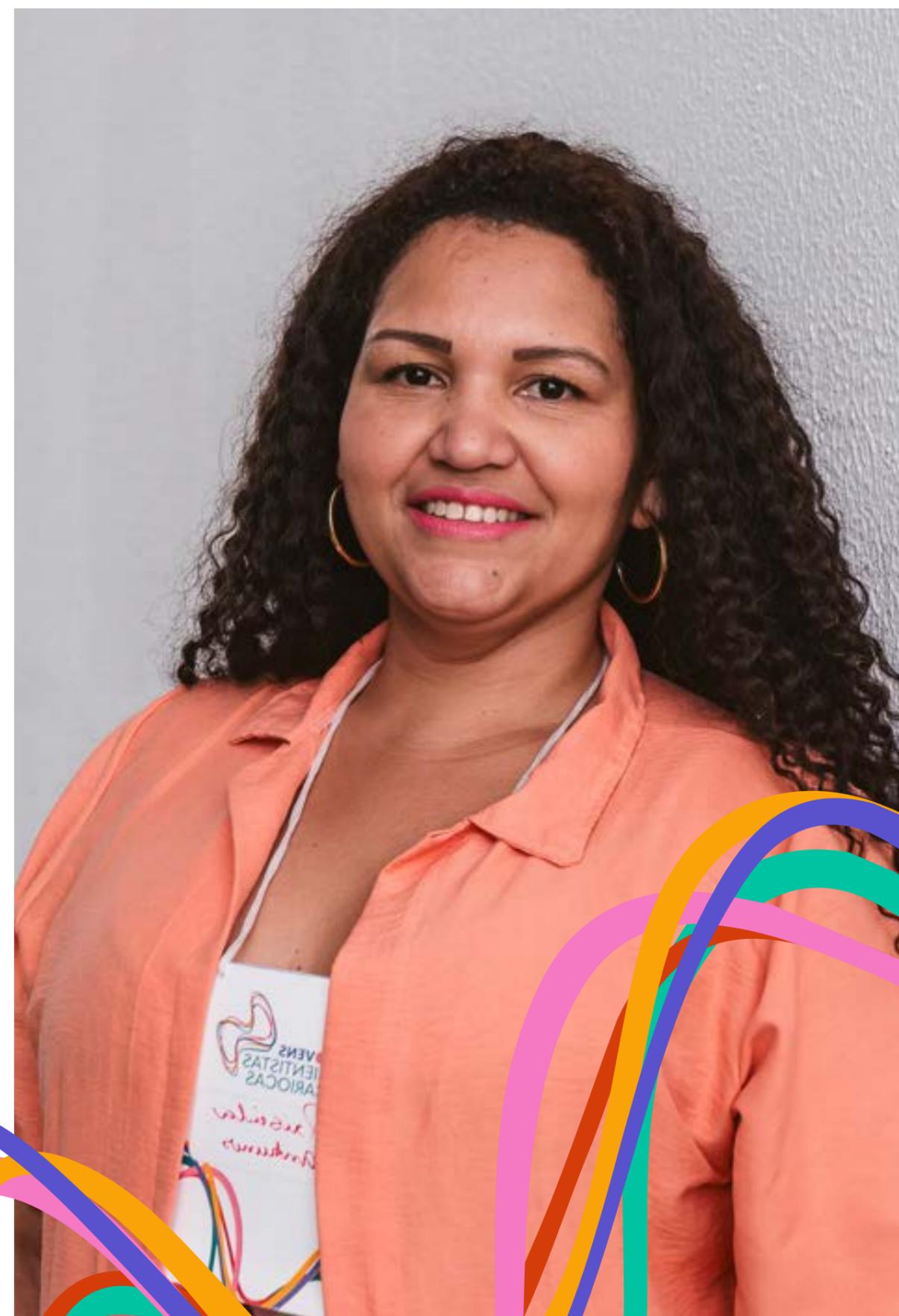
Priscila conta que estava presente com a filha no dia em que Andreza apresentou sua pesquisa para a banca de avaliação do JCC. Afinal, ela e a filha tinham participado da pesquisa de campo da colega de faculdade.

Priscila conta que Luísa aparece no vídeo que foi exibido para os avaliadores e, no dia da apresentação, foi reconhecida pela plateia. Trata-se de uma criança espontânea e dinâmica, que não tem vergonha de falar em público e expor seus pensamentos. Foi ela quem entregou sozinha os cartõezinhos que Andreza havia preparado com os sinais da Libras para serem distribuídos às pessoas.

Nesse dia, além da pesquisa de Andreza, Priscila conheceu também o trabalho de outros estudantes. Ela afirma que gostou muito de ver as propostas, sobretudo porque apresentam soluções para problemas da população local, e acrescenta que são coisas que podem mudar a vida das pessoas.

Ela diz não esquecer de uma jovem cientista que apresentou um estudo cujo objetivo era medir a temperatura e o clima do bairro de Madureira. Com a pesquisa seria possível saber os lugares mais quentes ou mais úmidos da região. Priscila conta entusiasmada que a estudante precisou colocar um equipamento em cima de um carro e ficar rodando pelas ruas para experimentar a ideia. “São ideias simples e, ao mesmo tempo, transformadoras”, diz ela, encantada. Além disso, a ida ao evento ficou marcada, entre outras coisas, como a primeira vez que Priscila entrou numa Nave do Conhecimento¹¹.

Um momento inesquecível desse mesmo dia, segundo Priscila, foi ver os nomes dela e da filha escritos na credencial que receberam ao entrar no evento. Elas até fizeram uma foto. Nos crachás constavam escritos os nomes de cada uma, logo abaixo do título Jovens Cientistas Cariocas. Ela confessa que sentiu muito orgulho naquele momento.



Priscila diz que só pensou na filha, no futuro dela, na possibilidade que o evento lhe dava de apresentar o universo da ciência para Luísa e na chance de afirmar para a pequena que tudo aquilo poderia ser uma realidade, se assim desejasse. Além disso, Priscila revela que ficou emocionada por ver Andreza, sua colega de faculdade, integrada a um projeto tão importante.

A ideia de cursar uma universidade sempre foi vista por Priscila como algo distante da sua realidade. Nas circunstâncias em que foi criada, pensar em uma faculdade significava pensar em uma condição que não existia para ela. Além de ser caro, o ingresso no estudo de nível superior nunca foi tratado em sua casa como um sonho de família. Contudo, esse era o seu sonho, embora Priscila não se achasse capaz de realizá-lo.

A força maior veio de seu marido. Ele insistiu para ela ingressar na faculdade e afirmou que ajudaria com as despesas financeiras, por se tratar de uma universidade privada. Priscila tinha acabado de ser demitida da empresa onde trabalhou por dez anos. A ideia inicial era investir em um curso técnico, a fim de valorizar o currículo e conseguir, o quanto antes, um novo emprego. Porém, o marido ajudou a reorientar essa direção, resgatando o velho sonho da faculdade, e disse que se era pra investir

em alguma formação, que fosse então a que ela sempre desejou fazer: um curso universitário.

Foi assim que Priscila entrou para a UNISUAM, onde atualmente é aluna com uma bolsa parcial de estudos. Lá ela conheceu Andreza e, por intermédio da colega, conheceu o JCC. Sua mãe, até o presente momento, ainda não entendeu muito bem o que Priscila estuda, embora ela tente explicar.

A futura gestora de RH será a primeira pessoa da referida família de Vila Kennedy a obter um título de graduação. Ao que tudo indica, a primeira de uma lista: a entrada de Priscila para a faculdade sensibilizou o irmão mais novo, que está pensando em seguir a mesma trilha. Sobre isso, ela diz se sentir muito feliz.

Assim, mais uma vez as reviravoltas da vida apontam caminhos antes impensáveis para as pessoas. Quando tudo parecia ter se desestabilizado na vida de Priscila, uma nova perspectiva se apresenta e faz ela enxergar horizontes que não estavam ao alcance de sua vista. Foi a demissão de um emprego estável que a fez mudar o rumo das coisas e entrar na trilha de seu maior sonho.

“Eu penso muito no futuro. Eu penso que eu tenho que ter um futuro para proporcionar um futuro para os meus filhos.”

Nesse contexto, pode-se dizer que, em alguma medida, o JCC também contribuiu com as transformações ocorridas na história desta jovem sonhadora. Ver o projeto funcionando a partir do trabalho de cem estudantes universitários, muitos deles moradores das periferias, foi um modo de afirmar para si mesma o quanto o universo da ciência pode estar próximo de vidas como a sua.



ALINE FONSECA

para ouvir ideias
que aproximam a
ciência da população

Aline Fonseca tem 46 anos e mora em Realengo, bairro onde nasceu, na Zona Oeste do município do Rio de Janeiro. Ela é professora do departamento de Biologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), no campus da Zona Oeste, e vice-diretora da Faculdade de Ciências Biológicas e da Saúde, na mesma universidade.

Aline é orientadora de Wanie Nascimento, uma jovem de 26 anos, aluna do curso de Ciências Biológicas e bolsista do projeto de extensão coordenado por Aline. Wanie é uma das cem jovens participantes do Projeto Jovens Cientistas Cariocas (JCC).

A proposta apresentada por Wanie ao JCC é uma expansão da pesquisa que já vinha sendo desenvolvida com Aline na universidade. O estudo atua diretamente nos propósitos da popularização científica.

Por meio da produção de podcasts¹² (arquivos de áudio), a jovem estudante busca aproximar ciência e territórios, abordando assuntos diversos ligados ao campo das Ciências Biológicas, Saúde, Ciências Agrárias e interesses comunitários. Com o JCC, a proposta nascida no projeto de extensão pôde ser ampliada para toda a cidade.

12 Podcast é um arquivo de áudio que fica disponível em dispositivos com acesso à internet. A palavra é uma junção de “iPod” (dispositivo de áudio da Apple) e “broadcast” (que é a distribuição de conteúdo de rádio ou TV). Fonte: <https://www.uol.com.br/tilt/faq/o-que-e-podcast-veja-significado-e-onde-escutar-os-melhores-programas.htm?cmpid=copiaecola>.

Segundo explica a professora, o podcast é uma ferramenta que está em alta. As pessoas consomem muito. É algo que pode ser ouvido em diversos lugares, além de ter uma linguagem acessível e ajudar no combate às *fake news*. O podcast desenvolvido por Wanie tem episódios mensais e duração de 20 minutos, todos com tradução para a Língua Brasileira de Sinais (Libras).

Aline esclarece que, sob a perspectiva das produções que fazem, uma entrevista nunca traz questões exclusivas do campo específico abordado – algo que estaria endereçado a especialistas. Por trás da temática debatida, procura-se sempre trabalhar uma série de outras questões, a fim de estabelecer um contato mais direto entre o que é dito e o imaginário popular.

Nesse sentido, segundo a professora, os podcasts também assumem um valor importante junto aos jovens que estão fora da universidade, morando nas periferias e vivendo sob certas “predestinações” pautadas pela vulnerabilidade social. Sob os moldes pensados para as produções, uma entrevista pode afirmar para um jovem, por exemplo, que a universidade também é para ele, conforme ressalta Aline.

“Quando a gente entrevista, por exemplo, um estudante que está desenvolvendo uma pesquisa... Toda a trajetória dele, ou seja, a forma que ele acessa a universidade, o fato dele ser cotista, o fato dele ter uma bolsa de permanência... Tudo isso tá embutido na entrevista, e a gente tenta mostrar no podcast, seja no assunto específico ou na trajetória daquele estudante.”

Então eu acho que quem tiver ouvindo vai conseguir ter essa perspectiva e plantar aquela semente. E aqueles que já estão na universidade podem entender também que lá na frente eles vão conseguir, vão ser um profissional desse nível, ou vão conseguir acessar tal e tal instituição, porque eles estão vendo ali, naquela entrevista, que aquele estudante já passou por aquelas questões todas.”



Aline vê o JCC como uma grande oportunidade para os estudantes e assevera a importância dos editais e chamadas públicas nesse contexto. A professora complementa que eles oferecem experiências fundamentais para o desenvolvimento dos alunos, seja pela iniciação científica (IC), seja pela extensão universitária, seja pelo Jovens Cientistas Cariocas.

“A universidade traz a parte teórica. Então você senta ali, você aprende a parte teórica. Em algumas disciplinas você vê a parte prática e tal, mas você está ali confinado num laboratório. Esses outros editais, eu acho que eles ampliam os horizontes. Você lida com outras pessoas, você lida com empresas, você lida com outro universo fora da bolha que é a universidade, porque ela não deixa de ser uma bolha.”

Conforme observa Aline, o JCC funcionou como uma espécie de “chavezinha” que ligou de vez a trajetória de Wanie ao mundo acadêmico. A passagem da estudante pelo JCC foi fundamental para ela entender e assumir essa posição. A parte prática do projeto e o contato com pessoas do mercado de trabalho, além das apresentações em público durante a Jornada Formativa do JCC, afirmaram para Wanie um sentido real de sua pesquisa no mundo.

“Então eu acho que essa possibilidade dos estudantes explorarem e terem contato com diferentes projetos... Eu acho que é o que faz o diferencial do JCC.”

“Tudo isso para ela tem muito simbolismo. A Wanie é mulher, está numa universidade pública, é negra... Então ela traz muitas causas próprias e do mundo ao redor para o seu trabalho... E ela viu esse projeto dos Jovens Cientistas como uma vitrine também, né? Uma vitrine pra ela mostrar o trabalho que desenvolve e as oportunidades que isso está trazendo para ela.”

Aline ressalta que todo o processo envolvendo a participação de Wanie no JCC foi muito importante para o crescimento pessoal e acadêmico de sua orientanda. “Ela tem experimentado muitas conquistas”, afirma a professora.

No âmbito da produção dos podcasts, Aline sublinha que Wanie se dedica a fazer um planejamento minucioso e exemplar, o qual inclui estudos sobre o entrevistado, montagem das perguntas, conversas prévias antes da gravação e troca de informações. Trata-se de um processo complexo e gradativamente amadurecido, que ajuda a construir não só a pessoa, mas também a profissional que ela vai se tornar no futuro, aproximando cada vez mais Wanie do mundo acadêmico.

Pensando sobre sua própria história, Aline lembra que se aproximou da ciência por decorrência do interesse que tinha em entender como as coisas acontecem. Cientistas são pessoas que fazem perguntas sobre as coisas do mundo e buscam encontrar respostas, desenvolver hipóteses etc. Chegar mais perto desse universo lhe pareceu fascinante.

Embora a vida tenha oferecido certos privilégios a Aline, no sentido de nunca ter duvidado sobre sua condição de ingressar ou não em um curso de nível superior, ou em uma universidade pública, por exemplo, a professora e pesquisadora da UERJ reconhece

que essa não é a condição da maioria dos jovens. Nesse sentido, ela diz que seu trabalho com estudantes, além dos conteúdos formais, também inclui a repetição incansável de que a universidade é para eles e elas, e que eles e elas são capazes.

Aline diz que a trajetória de Wanie confirma esse lugar de direitos: “Tudo o que ela se propõe a fazer ela consegue”. A vontade depositada por ela naquilo que deseja realizar, sempre de modo aplicado e com muita dedicação, é inspiradora.

Talvez por isso Aline expresse um gosto especial pelo trabalho com jovens, sobretudo com alunos e alunas que estão no primeiro período do curso. A professora conta que eles são recentes na universidade e, por isso, chegam cheios de energia e expectativas. Isso, segundo ela, estimula seu próprio desejo de querer melhorar e preparar aulas sempre melhores, que acolham e orientem essas esperanças.

É desse modo, com a atenção sempre voltada para essa moçada, que Aline diz ver em cada chamada para participar em projetos uma espécie de convocação luminosa que pisca incessantemente com a seguinte palavra “OPORTUNIDADE”.



A participação de seus alunos em projetos como o JCC é algo que devolve para a universidade muito mais do que o projeto, em geral, supõe oferecer. Aline diz que, junto ao crescimento pessoal e profissional, tais projetos impactam em coisas por vezes pouco evidentes, mas, ao mesmo tempo, muito importantes, tais como o desenvolvimento da escrita e das formas de comunicação entre os estudantes. A experiência de lidar com outras instituições de maneira diferente do modo como lidam com a universidade também é um fator destacado por ela, no sentido positivo do amadurecimento de cada um deles.

É nesse sentido que Aline afirma tais ganhos como algo que ultrapassa a esfera dos alunos. Com as formações oferecidas pelos projetos externos, não apenas a universidade ganha, como também os professores orientadores são beneficiados. Desse modo, outras formas de fazer ciência são apresentadas à própria academia.

Soma-se a isso a visibilidade e o sentido real que um projeto como o JCC traz para a pesquisa de cada estudante. De acordo com Aline, esse foi o caso de Wanie. O impacto foi tão forte que ela decidiu um futuro a partir da experiência vivida junto ao projeto.

“Fazia tempo que eu não via o estudante dessa maneira, empolgado e envolvido com as ações que ele tem que fazer, sem aquela coisa obrigatória. Sabe quando você está fazendo um projeto e aí tem que desenvolver tal pesquisa, porque aquilo é o seu TCC e é uma obrigação, e você se sente carregando uma cruz nas costas? Não, ela faz com muita vontade, com muito prazer o que ela está fazendo. É o fato de ela ter descoberto o mundo que ela quer continuar, eu acho que isso também tem muito a contribuir pra ela se desenvolver cada vez mais.”

Um dos destaques trazidos por Wanie para as conversas que tem com Aline na universidade é a relação com os mentores do JCC. Wanie relata que a mentoria direciona muito bem o trabalho dos estudantes e isso ajuda muito a pessoas como ela, que estão sempre com muitas ideias. A multiplicação de ideias, segundo a professora, tende a dispersar, em vez de concentrar, e geralmente leva estudantes a se perderem ante o escopo pensado inicialmente para as pesquisas. Nesse sentido, conforme observa Aline, a mentoria que acompanhou a pesquisa da Wanie foi fundamental para reposicioná-la na trilha da sua própria pesquisa.

A orientação feita por mentores, embora seja uma prática muito antiga, tornou-se uma marca inovadora da atualidade no âmbito do desenvolvimento pessoal. Uma “oportunidade” que, conforme diz Aline, não se fazia muito presente há alguns anos no meio acadêmico. Ela diz não lembrar de oportunidades como o JCC em sua época de faculdade. Conta que teve acesso a uma bolsa de IC, e isso foi tudo.

De todo modo, com base na reflexão feita pela professora, é possível inferir que não só a oferta, mas também a busca por oportunidades como o JCC não eram muito frequentes no âmbito da cultura acadêmica de algumas décadas atrás. Estar na universidade já era em si uma oportunidade que parecia bastar.

Hoje, contudo, é possível observar o desenvolvimento de uma cultura mais ampliada não só de oferta, mas também de procura – essa, muitas vezes, entendida como exercício mesmo de direitos.

INICIATIVA:



CIÊNCIA E
TECNOLOGIA

PARCERIA:



APOIO:



escola **SEBRAE**
de negócios

